

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG
CÂMPUS POSSE
LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS - INGLÊS

JUCYELLE PEREIRA DA SILVA
RAYNARA PEREIRA DE SOUSA

ESTUDO DA LINGUAGEM DO POVOADO OLHO D'ÁGUA DA LAPA

POSSE – GO
2016

JUCYELLE PEREIRA DA SILVA
RAYNARA PEREIRA DE SOUSA

ESTUDO DA LINGUAGEM DO POVOADO OLHO D'ÁGUA DA LAPA

Monografia apresentada à Coordenação de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Posse, para obtenção de título de licenciadas em Letras-Português/Inglês sob a orientação da Prof.^a Esp. Esp. Isaura Maria Mendonça.

POSSE – GO

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS POSSE
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA-MONOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autores: Jucyelle Pereira da Silva
Raynara Pereira de Sousa

Título: “Estudo da Linguagem do Povoado Olho D’água da Lapa”

Monografia defendida e aprovada em _____/_____/2016

Com NOTA _____ (), pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof^a Esp. Isaura Maria Mendonça
Universidade Estadual de Goiás
Orientadora

Prof^a. Mestranda Maria Elizete dos anjos
Universidade Estadual de Goiás
1º Examinador

Prof^a. Especialista Rosana Maria da Silva Tonhá
Universidade Estadual de Goiás
2º Examinador

Prof^a Esp. Isaura Maria Mendonça
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof. Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro
Coordenador Adjunto de Trabalho de Curso

Dedico para José Pereira da Conceição, meu herói, meu pai (*in memoriam*), para quem estudar foi um sonho impossível, cuja partida inesperada deixou em mim uma ferida que não cicatriza.

(Jucyelle Pereira da Silva)

Dedico aos meus pais, eles são um exemplo de pessoas íntegras e de humildade sem igual. Fico muito agradecida pelo afeto, pelo tempo que me dispensam, pelos princípios que me têm ensinado e que ainda continuam a transmitir. (Raynara Pereira de Sousa)

Primeiramente tributo meus agradecimentos à Deus, que por sua infinita bondade me concedeu sabedoria, força e disposição para chegar até aqui.

Agradeço à minha mãe Lilia, ao meu pai José (*in memoriam*), às minhas irmãs Lilaine e Luane por todo apoio, paciência e auxílio dispensados. Agradeço por todos aqueles que, mesmo indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à Deus por ter me concedido saúde e permitido que tudo isso acontecesse, ao decorrer da minha vida, e não unicamente enquanto universitária, mas que em todos os momentos ele estava e está presente. À nossa orientadora Rosana Maria da Silva Tonhá pelo suporte, pelas suas correções e instigação.

Aos meus pais Valdina e Raimundo, às minhas irmãs Rayane e Ranielle pelo amor, paciência, incentivo e apoio incondicional.

Meus agradecimentos à Jucyelle, minha companheira de trabalho. E à todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades.”

(Alkmim)

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma análise da linguagem dos moradores do povoado Olho D'Água da Lapa e apresenta as principais variações linguísticas encontradas na fala dos habitantes deste local. Para tanto, tornou-se imprescindível a apresentação do contexto histórico da linguística, assim como as concepções de vários estudiosos sobre a sociolinguística e a variação linguística com a pretensão de auxiliar a compreensão do tema escolhido. O objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar a diversidade linguística existente na fala dos moradores através dos fenômenos linguísticos apontados por Marcos Bagno. Isso porque existem maneiras diferentes de falar que divergem do português padrão que prega o uso “correto” destas palavras e discriminam aquelas. Este é um trabalho de cunho bibliográfico e descritivo, onde foi utilizado como fonte a obra *A Língua de Eulália* do linguista Marcos Bagno, como também o posicionamento de renomados linguistas acerca da diversidade linguística, tais como: Labov (2007), Mollica (2008), Preti (1987) e Sá (2007), entre outros. Durante a produção deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo onde colheu-se informações, averiguou-se e constatou-se a existência de variações linguísticas na fala dos moradores entrevistados por meio de entrevistas orais. Por conseguinte, expôs-se essas diversidades e fez-se uma análise descritiva das falas destas pessoas. Para contribuir com a eliminação do preconceito linguístico, citou-se quais os principais fatores que condicionam tal ocorrência, justificando-as e respeitando o modo de falar de cada um, além da tentativa de abolir o pensamento de que existe uma fala totalmente correta ou um falar mais bonito e elegante que o outro.

PALAVRAS-CHAVE – Linguística. Sociolinguística. Variação linguística. Diversidade.

ABSTRACT

The present work deals with an analysis of the language of the inhabitants in a small city of Olho D'Água da Lapa and introduce the main linguistic variations found in the speech of the inhabitants of this place. Therefore, it was essential to present the historical context of linguistics, as well as the conceptions of several scholars on sociolinguistics and linguistic variation with the aim of helping to understand the chosen theme. The aim of this research was to identify and analyze the linguistic diversity existing in the residents' speech through the linguistic phenomena pointed out by Marcos Bagno. This is because there are different ways of speaking that diverge from the standard Portuguese that preaches the "correct" use of these words and discriminate them. This is a bibliographical and descriptive work, whose The language of Eulalia of the linguist Marcos Bagno was used as a source, as well as the positioning of renowned linguists on linguistic diversity, such as: Labov (2007), Mollica (2008), Preti (1987) and Sá (2007), among others. During the production of this work, a field survey was conducted in which information was gathered, and linguistic variations were verified in the interviewed speakers' speeches through oral interviews. Therefore, these diversities were exposed and a descriptive analysis of the speeches of these people was made. In order to contribute to the elimination of linguistic prejudice, it was mentioned the main factors that condition such occurrence, justifying them and respecting the way of speaking of each one, besides the attempt to abolish the thought that there is a totally correct speech or a Speak more beautiful and elegant than the other.

KEYWORDS – Linguistics; Sociolinguistics; Linguistic variation; Diversity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1– Linguística	13
1.1 – Variação linguística	17
1.3 – Norma culta e norma padrão.....	23
1.5 Preconceito linguístico.....	29
2 – Fenômenos Linguísticos	34
2.1- Processo da monotongação	39
2.2 – Iotização.....	40
2.3 - Alçamento da pretônica e postônica.....	41
2.5 – Rotacismo	43
2.6 – Simplificação das conjugações verbais	44
2.9 – Arcaísmo.....	47
2.2.2 - Aférese, Síncope, Apócope	48
2.2.3 - Alteração de “V” para “B”	49
3.0 – HISTÓRIA DE VIDA DOS MORADORES DO POVOADO OLHO D’ÁGUA DA LAPA.....	50
3.1 - A diversidade linguística presente no povoado Olho D’água da Lapa	53
3.2 – Análise da diversidade linguística dos moradores do povoado	67
Conclusão	86
Referências	88
ANEXOS	93

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste em um estudo da linguagem do povoado Olho D'Água da Lapa. No primeiro capítulo, é feita uma abordagem sobre a história da Linguística, que surgiu em 1950 e no mesmo século tornou-se ciência. O seu foco propunha nas línguas naturais, que eram tidas como a maior forma de comunicação existente. Em sequência, são apresentados quais os teóricos que influenciaram esta ciência, suas contribuições, e por fim retrata-se a trajetória da Sociolinguística. Neste ponto, faz-se uma exposição das definições de língua, linguagem e fala e suas fundamentações segundo os linguistas Braggio & Bigonjal, Bakhtin, Weedwood, Ribot e Saussure.

Na sequência, é feita uma apresentação sobre a variação linguística e seu conceito, demonstrando que qualquer pessoa está sujeita às diferenças em sua forma de falar, e que por isso tornam-se vítimas de preconceitos linguísticos. Este preconceito se dá através de ridicularização e coação por parte de alguns que se dizem “cultos” e falantes do português padrão.

Em continuação, está exposto os níveis de variações existentes. Sendo estes o fonético fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico pragmático. Na mesma linha trata-se da norma-culta, norma-padrão e suas divergências. E, para finalizar o capítulo inicial, abordamos a respeito do preconceito linguístico e sua ocorrência, segundo Marcos Bagno e Alkmim.

No segundo capítulo, intitulado *Fenômenos Linguísticos*, é feita uma apresentação das várias formas diferentes de se expressar em uma interação comunicativa de pessoa para pessoa, segundo o que Marcos Bagno descreve em seu livro “A língua de Eulália”. Ato contínuo, discorre-se a respeito de alguns conjuntos distintos que estão relacionados aos fatores que ocasionam a expressão de palavras diferentes, atentando-se aos possíveis processos ocorridos na fala de qualquer indivíduo.

Com o intuito de analisar e compreender a diversidade linguística presente na fala dos moradores do povoado Olho D'Água da Lapa, fez-se necessário o contato direto com eles. O resultado desta investigação está presente no terceiro capítulo. Este contato foi viabilizado por meio de conversas e entrevistas. Foi necessário que se estabelecesse certa confiança entre os

interlocutores para que se obtivesse, com sucesso, as informações precisas para o desenvolvimento do estudo.

Para que essas informações fossem coletadas, foram realizadas visitas ao povoado, onde, com a permissão dos envolvidos, foram feitas gravações de áudio e uma mini reportagem em vídeo. Esse material foi obtido por meio de gravador de voz em um aplicativo no celular e uma câmera fotográfica. No entanto, é importante ressaltar que a filmagem teve sua reprodução autorizada apenas por uma falante, da mesma forma, que as gravações foram permitidas também por pouca parte dos participantes.

As entrevistas realizadas foram compostas de perguntas elaboradas conforme a experiência de vida dos moradores do povoado, história do local e das dificuldades enfrentadas pelos residentes desde que vivem ali. Tais entrevistas foram adaptadas para tornar possível um contato informal, procurando transparecer o mais natural possível.

Por se tratar de uma análise linguística das variações existentes na fala dessas pessoas, não se pôde demonstrar o real objetivo das entrevistas e questionários, para que assim, não houvesse interferência no modo de falar dos entrevistados e nem alteração em suas falas por se sentirem intimidados. Sobre isso, Mussalin & Bentes em *Introdução à linguística*:

Sociolinguística: parte 1, destaca que:

(...) os falantes diversificam sua fala – isto é, usam *estilos* ou *registros* distintos – em função das circunstâncias em que ocorre suas interações verbais. Segundo Camacho, os falantes adequam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, sendo que tal adequação “decorre de uma seleção dentro o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual, de um modo mais ou menos consciente”. A seleção de formas envolve naturalmente um grau maior ou menor de reflexão, por parte do falante: o uso do estilo formal, em relação ao informal, requer uma atuação mais consciente.” (2001, p. 38).

Diante disto, entende-se que ao tomar consciência de que estará sendo linguisticamente avaliado, automaticamente o falante ocultará a sua fala natural, escondendo sua espontaneidade por estar preocupado em como pronunciará suas falas. Com isso, ele ficará retraído, comprometendo o objetivo do estudo, que por sua vez necessita que o diálogo seja intrínseco e espontâneo. Desta forma, por ser a linguagem formal mais difícil, optou-se pela aplicação de um discurso informal para que assim houvesse uma boa interação verbal entre os interlocutores e obtivesse sucesso nos objetivos da pesquisa.

1– Linguística

A linguística surgiu em 1950 como uma ciência influenciada pela visão estruturalista implantada por Ferdinand de Saussure. É um ramo de estudo descoberto recentemente que vem encontrando resistência em sua consolidação. Ela estuda a linguagem, todavia, vale ressaltar que esta é investigada desde que a escrita foi inventada ou até mesmo antes disto.

Em torno do século XIX, os grandes escritores definiram o termo *linguística*. No século XX esta mesma ciência foi inaugurada e propunha foco nas línguas naturais, que é a maior forma de comunicação existente. A sua flexibilidade e adaptação admite a transmissão de diversas expressões por meio da fala, tais como emoções, sentimentos, ordem e perguntas possibilitando melhor comunicação e maior interação social.

Os estudos têm sido mais aprofundados, o que levou a linguística a ter maior importância. A linguagem, por ter obtido a curiosidade do homem, vez que é uma ferramenta fascinante, motivou-o a querer entender e descobrir como ela agia e se organizava. A linguística fora descoberta, no entanto, ressaltamos que a linguagem sempre existiu.

O conceito de linguística surge como uma área que investiga os fatos linguísticos e difere-se da gramática normativa por não levar em consideração os erros, uma vez que não é sua intenção impor regras de correção. Ela propõe a associação da língua escrita com a língua falada, relatando a manifestação da linguagem que é formada por um conjunto de sinais (palavras) e por um grupo de regras. Em *Curso de Linguística Geral*, Saussure afirma:

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. (2001, p. 13).

Sobre este assunto, rematamos que os linguistas estudam a linguagem verbal, a gramática e a evolução dos idiomas, analisam a língua de determinada sociedade e sua relação com outros idiomas, averíguam a estrutura, a sonoridade das palavras e das frases, a definição dos termos e das expressões idiomáticas, tal como as diversidades regionais ou sociais.

Ainda a respeito do objetivo da Linguística, segundo Saussure em *Curso de Linguística Geral*, a tarefa da mesma será:

a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família; b) procurar as forças que estão em jogo, de modo premente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; c) delimitar-se e definir-se a si própria. (2001, p. 13).

No entanto, Saussure ainda em *Curso de Linguística Geral* nos adverte sobre os limites não aparecem sempre nitidamente, mas que separam a linguística de outras ciências, vez “que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados” (2001, p. 13) e nos esclarece a seguir:

A Linguística deve ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-História, onde a língua não intervém senão a título de documento; distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social. [...] As relações da Linguística com a Fisiologia não são tão difíceis de discernir: a relação é unilateral, no sentido de que o estudo das línguas pede esclarecimentos à Fisiologia dos sons, mas não lhe fornece nenhum. Em todo o caso, a confusão entre as duas disciplinas se torna impossível: o essencial da língua [...] é estranho ao caráter fônico do signo linguístico. (2001, p. 14).

Feita essa observação nos é implícito que por mais que existem limites entre a linguística e estas respectivas ciências, é perceptível que a linguística trata-se de um ramo que interessa à todos, mesmo aos estudiosos que objetivam manejar textos.

Há muitas especulações se a linguística é realmente uma ciência e se deve ser respeitada como tal. Segundo Lyons em *Linguagem e Linguística*,

A maioria dos linguistas que adotam a definição de sua disciplina como sendo o estudo científico da língua o fazem por ter em mente uma distinção entre uma forma científica e acientífica de realizar a tarefa. Podem discordar em algumas das implicações da palavra ‘científico’, como filósofos e historiadores da ciência. Mas concordam unanimemente sobre as principais diferenças entre o estudo científico da língua e o estudo não científico. Começemos, então, com os pontos unânimes. O primeiro e mais importante deles é que a linguística é **empírica**, ao invés de especulativa e intuitiva: opera com dados publicamente verificáveis por meio de observações e experiências. Ser empírica, nesse sentido, é para a maioria a própria marca registrada da ciência. (2009, p. 27).

Quando um cientista se dispõe a estudar a língua ele sabe distinguir o que é científico e não científico, então, de acordo com a citação acima, a linguística é ciência pelo seu caráter

empírico, isto é, baseado na experiência por meio de observações e dados publicamente verificáveis.

Trataremos agora, de forma bastante resumida da semiologia, lembrando, como citado anteriormente, a importância da sua influência estruturalista. Seu conceito vem do grego

“*semeion*” que significa signo, a ciência que tem como objeto de estudo os sistemas de signos e é identificado também por semiótica.

A linguística é uma parte da semiótica e estuda a linguagem humana. O signo linguístico é definido como um elemento representativo constituído pelo significante e pelo significado. O significante é a imagem acústica e psíquica da palavra, o corpo da ideia. Já o significado é considerado a alma da palavra, o seu conceito. Ambos são correlacionados.

A linguagem é algo vasto, o que significa que, independentemente do que for expressado, tanto em sua forma escrita quanto falada, é uma forma de comunicação. Todavia, enfatizamos que a linguística volta-se apenas para a linguagem verbal humana, pois todo fato linguístico relaciona-se a um fato social. Destacando que a língua sofre influência ainda de cunho fisiológico e psicológico.

Os estudos sobre a linguagem entre os séculos XVII e XVIII, eram fundamentados em gramáticas gerais e marcados pelo racionalismo. Estes estudos tinham caráter normativo e buscavam uma língua ideal e universal, limpa e pura. Este ideal foi fragmentado no século XIX, período marcado pela linguística histórica e, no lugar das gramáticas gerais e do caráter de ditar regras, foi instaurada a gramática comparativa, que visava as mudanças da língua e seu procedimento de reconstrução.

Segundo Vygotsky em *A formação social da mente* (1987 p. 13) “a linguagem exerce as funções comunicativa e interativa, além de desempenhar um papel fundamental na constituição da consciência e do pensamento do homem”. Ao procurar esclarecer a linguagem, o homem está buscando explicar algo que lhe é conveniente e que é parte imprescindível de seu mundo e da sua coexistência com os outros seres humanos.

Linguagem e sociedade estão entrelaçadas de modo inquestionável, porque uma depende da outra. Pode-se dizer que esta ligação é a base essencial para a formação do ser humano. O desenvolvimento da linguagem pode ser comparável ao de uma planta que nasce,

crece e morre segundo leis físicas, uma vez que, a língua acompanha o homem em sua evolução, sempre modificando.

A linguagem é tida como a “tradução” do pensamento, e as práticas linguísticas são vistas como decodificação. A história da humanidade e dos seres vivos evoluiu através do sistema de comunicação oral. Não existe língua sem o indivíduo que a usa. Sendo assim, não há razões para dizer que ela é autônoma, porque ela depende do sujeito para existir.

A respeito disso, Mikhail Bakhtin citado por Barbara Weedwood em *História concisa da Linguística* diz que,

Só existe língua onde houver possibilidade de interação social, dialogal. A língua não reside na mente do falante, nem é um sistema abstrato que paira acima das condições sociais. A língua é um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, é uma atividade social, é enunciação. (2002, p. 152).

Sabe-se que a língua é uma ferramenta fundamental para o ser humano e encontra-se em constante transformação. Conforme a comunidade vai sofrendo mudanças sociais, a língua sendo dinâmica sofre alterações, fazendo com que os valores sociais tenham influência sobre ela. A língua origina-se da linguagem e é uma modalidade expressa por um grupo de pessoas através de palavras, tornando-a um mecanismo de comunicação possível em qualquer comunidade.

Ribot, em *A evolução das ideias gerais* afirma:

Apesar de todas as diversidades, todas as línguas humanas têm um fundo comum, constituído por certo número de raízes semelhantes. Mas, sobretudo o que por toda parte é *idêntico* é o próprio pensamento, são as operações intelectuais significadas e sintetizadas em sistemas de verdades científicas: em todos os lugares e sempre, sem grande dificuldade, os homens de todas as *raças* chegam a compreender-se e a comunicar, uns aos outros, seu patrimônio intelectual, estabelecendo uma equivalência entre suas línguas. A única hipótese explicativa deste fato é a *unidade específica* da humanidade, estando ligada a diversidade das línguas às diferenças individuais, socializadas pelas raças e as nações. (Ribot apud Melo 2009, p. 81).

Embasando-se na citação acima, entende-se que cada um possui um modo de falar individual, o que é uma característica de cada língua, desde a mais complexa até a mais simples. O objetivo é simplesmente comunicar ideias, sentimentos, percepções da realidade e emoções.

Em uma breve abordagem referimo-nos á Bakhtin, que teve grande importância na Linguística do século XX. Ele influenciou tremendamente no que diz respeito ao fenômeno

linguístico, criticando a visão que havia da língua como um sistema homogêneo e estável. Não é porque um único idioma nos vincula que não existem diversas formas de falar, pois em um país com uma única língua oficial pode haver várias manifestações praticadas por seus próprios falantes.

Segundo Saussure em *Curso de Linguística Geral*:

É somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (2001, p. 17).

Por fim, a relação língua/linguagem não se confundem. Para Saussure, a língua é uma parte crucial da linguagem, conforme observado no excerto acima.

1.1 – Variação linguística

Desde que a Linguística foi admitida como ciência e teve seu objeto de estudo delimitado, tem se falado com muita frequência sobre a variação linguística. Assim, é importante expor seu conceito e como a mesma procede, de acordo com Edmilson José de Sá em *Estudos da variação Linguística: o que é preciso saber e por onde começar*:

A variação é uma propriedade inerente a qualquer língua e pode ser observada em qualquer período histórico manifestando-se no âmbito da sociolinguística, quando procura explicar as variedades dialetais, e no estudo da mudança linguística, ocasionado pelos processos sincrônicos da língua. (2007, p. 45).

Percebe-se que desde os primórdios da humanidade até aos tempos atuais que esta variação tem estado presente, consistindo em mudanças renovadoras de acordo com a necessidade da melhoria na comunicação, fortalecendo intensamente o conceito de que a língua não é homogênea e sim sujeita a possíveis mudanças.

O homem é um ser social que necessita se relacionar com outras pessoas estabelecendo uma comunicação. Esta acontece de forma espontânea através do uso da língua, que é considerado o meio mais comum utilizado nas relações sociais. Portanto, por ser a língua sujeita à modificações, esta muitas vezes não chega de forma precisa até ao receptor ou vice-versa, provocando a existência da variação linguística e tornando-a vítima logo em seguida de preconceito.

Ultimamente tem sido bastante comum a abordagem em grupos de conversas sobre as variações presentes na fala de usuários de uma determinada língua. Nesta linha, é relevante observar os fatores ocasionadores de tal ocorrência e quais são os que colaboram para a mesma, caracterizando a diversidade e a heterogeneidade linguística.

A variação linguística ocorre em função da interlocução entre emissor e receptor, levando em consideração o lugar em que o sujeito reside, a qual cultura ele pertence, a sua faixa-etária, assim como classe social e profissão exercida. Estes mesmos fatores são os motivos que resultam na diversidade linguística. O homem é sociável e se torna totalmente capaz, independentemente da situação, de emitir um enunciado de forma que o receptor compreenda a mensagem proferida.

Percebe-se com facilidade que os falantes são portadores de grandes variações e a mesma tem maior influência sobre o falar rural, que na maioria das vezes é ridicularizado por alguns devido ao estranhamento e não aceitação da forma diferente daqueles se manifestarem. Ao entrar em contato com o falar urbano, os usuários do português não padrão acabam sofrendo influência causando mudança em seu contexto natural. No entanto, é um processo não imediato.

Assinale-se ainda que mudanças sociais provocam mudanças na língua, afinal nada ocorre por acaso, é tudo uma questão de variação linguística. Sendo a língua um instrumento natural, esta possibilita ao falante utilizar duas ou mais variantes equivalentes ou quase paralelas para expressar uma informação ou obter certo objetivo.

Diante disso, Demerval da Hora citado por Sá em *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade* adverte-nos que,

Concebendo a língua como instrumento social e sujeita a variações e mudanças, é de suma importância o conhecimento da realidade local, sem perder de vista o geral,

para que dele sejam feitas reflexões que contribuam para algum posicionamento diante do que é dito, quando dito e como é dito. (Demerval apud Sá, 2004, p. 9).

Mediante o exposto, assinala-se que todas as línguas são variáveis, não existindo uma língua uniforme. As variedades linguísticas presentes na língua retratam a variedade da comunidade em questão. Deste modo, determinadas comunidades brasileiras “não falam desleixado”, mas são assim caracterizadas por serem pessoas que se originam de várias camadas sociais. Contudo, é importante observar que essas diferenças na fala resultam de fatores externos à língua, conforme o grupo e meio social em que estão envolvidos e fatores internos à língua que também condicionam a variação, como a falta de conhecimento e de estudo.

Não há uma língua que possua um sistema unitário, mesma que seja a mais ampla. A propósito, da mesma forma que há várias línguas, há diversas maneiras de usar a mesma língua. Qualquer idioma é flexível e susceptível à adaptação conforme a situação em que se encontrar o falante.

Em uma grande nação onde a diferença cultural e social é claramente perceptível, é presumível que se encontre uma complexidade de variedades, e, de fato, muitas delas estão presentes na nossa sociedade. Partindo dessa perspectiva, é relevante considerar a abordagem que Aryon Dall’Igna Rodrigues apud Bagno em *Linguística da Norma* nos apresenta a respeito das variantes linguísticas:

Toda língua comporta variações de duas ordens: em função do falante (ou, em termos de comunicação, do emissor) e em função do ouvinte (ou do receptor, e também das circunstâncias em que se produz a fala). À primeira ordem pertencem as variantes que se podem chamar dialetais em sentido amplo: variantes espaciais (dialetos geográficos), variantes de classe social (dialetos sociais ou diastráticos), variantes de grupos de idade (dialetos etários), variantes de sexo (dialetos masculino e feminino), assim como variantes de gerações (variantes diacrônicas). Na segunda ordem de variação incluem-se as variantes que, segundo recente sugestão, diremos *de registro*: variantes de grau de formalismo, variantes de modalidade (falada e escrita) e variantes de sintonia (ajustamento do emissor ao receptor). Tanto as variações da primeira ordem como as da segunda se superpõem e se entrecortam de diversas maneiras, do que resulta uma situação extremamente complexa, mesmo quando nos limitamos à observação da língua de um só indivíduo. (2004, p. 11 e 12).

É notório que há formas diferentes no português falado no Brasil e as mesmas recebem o nome de variação linguística. A respeito dessa forma diferenciada de expressão, ao contrário do que muitas pessoas pensam, na maioria das vezes, o “errado” não é errado. Essas diversidades linguísticas apresentam características próprias que engradem a variedade

cultural do nosso país. Por meio delas é que nos tornamos capazes de expressar de diversas maneiras empregando-as, em diferentes contextos sociais.

Sendo a escola responsável pela formação do aluno, a mesma leva-o a assimilar que a linguagem correta é a escrita e que esta é, por natureza lógica, a mais explícita, ao passo que a forma falada é de caráter mais confuso, incompleto e sem coerência. (CAGLIARI, 2007). Segundo este autor, há incoerência no ensino do português para crianças em fase de alfabetização, pois o que é ensinado costuma ser diferente da realidade vivida pelos alunos. Principalmente dos alunos que são nativos de lugares que utilizam falas peculiares.

Deste ponto de vista é importante salientar que, para que o aluno se adapte aos padrões de língua escrita e obtenha êxito neste ajuste, é preciso um maior tempo e dedicação à esta na escola. Este é um processo não-imediato. É necessário que o aluno apresente aprimoramento gradativo para que se possa nivelar aprendizes de camadas sociais diferentes, sem exclusão.

Sobre este aspecto, aponta Bagno em *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?*:

É preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. [...] Todos os aprendizes devem ter acesso às variedades linguísticas urbanas de prestígio, não porque sejam as únicas formas “certas” de falar e de escrever, mas porque constituem, junto com outros bens sociais, um direito do cidadão, de modo que ele possa se inserir plenamente na vida urbana contemporânea, ter acesso aos bens culturais mais valorizados e dispor dos mesmos recursos de expressão verbal (oral e escrita) dos membros das elites socioculturais e socioeconômicas. (2008, p. 16).

Muitas vezes, o que é visto como erro não é nada além de uma diversidade proveniente de alguns fatores múltiplos, tais como região, classe social do falante e até a situação comunicativa. O que realmente deve levar em consideração ao se tomar uma forma de expressão como errada e correta, são critérios de natureza social e não estritamente linguísticos.

É sabido que uma boa parte da sociedade não se comunica como as gramáticas orientam, pois, a linguagem utilizada é condizente com a cultura em que o sujeito está inserido e com a história de vida do mesmo, tornando a língua heterogênea e dinâmica. Sendo assim, sempre acontecerão formas linguísticas em variação.

É imprescindível ressaltar que as pessoas que comumente escrevem ou falam errado, em alguns casos, não o fazem porque são deficientes, mas sim devido à sua experiência de vida, ao contexto em que estão inseridas e perfil dos indivíduos com quem ela convive diariamente, à sua realidade. Assim, estas acabam fazendo o que a sua cultura lhe impõe, gerando certo medo em pessoas que possuem uma aprendizagem de boa qualidade fazendo com que os mesmos as tratem injustamente devido ao modo de falar diferenciado.

Marcos Bagno em seu livro *Preconceito Linguístico* diz que é preciso:

Conscientizar-se de que toda língua muda e varia. O que é visto como “certo” já foi “erro” no passado. O que hoje é considerado “erro” pode vir a ser perfeitamente aceito como “certo” no futuro da língua [...]. É bom evitar classificar algum fenômeno gramatical de “erro”: ele pode ser, na verdade, um indício do que será a língua no futuro. (2007, p.167).

Percebe-se que, baseando no arquétipo de que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem”, o ensino da língua é desnecessário, pois a fala não existe somente por que o livro de gramática ensina as regras. Isso não significa que ensinar gramática não é importante, mas sim que mesmo sem saber gramática é possível falar bem.

Para Bakhtin, não há necessidade em considerar com urgência a língua como uma atividade social. O importante não é o que é proferido ou o produto, mas a expressão, o procedimento verbal. Segundo Bakhtin apud Weedwood, em *História concisa da Linguística* (2002, p. 151) “a língua é (tal como para Saussure) um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação”.

O que é levado em consideração, é falar e o receptor compreender, interpretando o que é dito e estabelecendo uma comunicação plena, não infundada no modo correto de expressar gramaticalmente, mas no fato de estabelecer um diálogo preciso.

1.2 – Níveis da variação linguística

A variação linguística se dá por meio de vários níveis, sendo eles o fonético fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico pragmático. Por ser a língua falada sujeita à muitas variações, acontece da linguagem mudar devido à diversos fatores socioeconômicos. Cada um desses níveis citados se apropria de uma importante função,

estando o primeiro voltado para os diversos modos de pronunciar uma palavra, caracterizando o sotaque.

Neste nível, a mudança pode ser acarretada pelo acréscimo, decréscimo ou então à substituição de uma letra. De acordo com Marcos Bagno em *Língua de Eulália*, estas “diferenças fonéticas” ocorrem “(no modo de pronunciar os sons da língua): o brasileiro diz *eu sei*, o português diz *eu sâi*.”. (2001, p. 19).

O nível morfológico, de acordo Sandalo em *Morfologia* “trata da estrutura interna das palavras” (2001, p. 181). Refere-se à análise da função, estrutura, flexão, processos de formação e classificação dos vocábulos. É o que nos possibilita reconhecer se um termo é verbo, adjetivo ou substantivo. Além desses, o nível morfológico nos permite fazer alterações no sentido das palavras, seja com adição ou supressão de prefixos e sufixos. Assim como na palavra “variável” e “invariável”, ou com termos que expressam a mesma ideia, mas que são construídos com terminações diferentes, como em “internet/internauta”.

O nível sintático trata do estudo das frases. Em *Sintaxe*, Berlinck, Augusto & Scher informam que provindo “do grego *syntaxis* (ordem, disposição), o termo sintaxe tradicionalmente remete à parte da gramática dedicada à descrição do modo como as palavras são combinadas para compor sentenças, sendo essa descrição organizada sob a forma de regras”. (2001, p. 207).

Bagno em *Língua de Eulália* denomina este nível por “diferenças lexicais” e complementa que este se dá “no modo de organizar as frases, as orações e as partes que as compõem: nós no Brasil dizemos *estou falando com você*; em Portugal eles dizem *estou a falar consigo*; ”. (2001, p. 19). Esta combinação de palavras refere-se também à coerência necessária entre uma frase e outra ao procurar transmitir um discurso claro e preciso. Por exemplo: "Vai lá não" (em vez de: "Não vá lá").

O nível semântico trata-se de uma variação dependente da origem regional do falante. É quando uma mesma palavra possui significado diferente em vários lugares, diferindo apenas o sentido da palavra. Tal ocorrência se dá de acordo com o emissor, receptor e ocasião em que é falada. Para melhor compreensão, usaremos a expressão “meu rei”, onde no Nordeste significa “meu amigo, camarada, meu conhecido” e em alguns outros lugares do país significa “carta de baralho”.

Bagno nos exemplifica que em Portugal o substantivo *cueca* significa as *calcinhas* das brasileiras: “Imagine uma mulher entrar numa loja de São Paulo e pedir *cuecas* para elas usar!”, isto desencadearia o maior alvoroço e surpresa nas atendedoras. (2001, p. 19).

A variação lexical é quando várias palavras diferentes querem dizer a mesma coisa.

Como diz Bagno “palavras que existem lá e não existem cá, e vice-versa”. (2001, p. 19). É usufruirmos dos vários sinônimos que dizem a mesma coisa, mas de modo diferente. Esta variação corresponde também aos regionalismos, como nas palavras “menino, garoto, moleque, guri, piá”. Várias regiões do Brasil normalmente se referem aos mais jovens como “menino”. São palavras assim, escritas e faladas de maneiras diferentes em diversos lugares, mas que sofrem mudanças apenas no significante, tendo o seu significado remetido à mesma coisa que caracterizam a variação lexical.

O último nível denota a variação pragmática estilística. Esta se volta para o grau de maior ou menor formalidade e o estilo empregado pelo falante, conforme a ocasião em que ele se encontrar e intimidade que possuir com o receptor. Nas expressões “abra a porta, por favor”,

“abra a porta, logo!” e “abra a porta, gente” todas se referem à mesma ação: abrir a porta. Portanto, são empregadas em situações distintas e portam um nível de formalidade diferente.

1.3 – Norma culta e norma padrão

Norma culta é um conjunto de regras e preceitos que aparecem impressos nos livros e que são denominados *gramáticas*. Normalmente é uma gramática utilizada pelas pessoas que têm mais proximidade com a modalidade escrita e que desejam proferir um discurso elegante, civilizado e politicamente correto. De acordo com Bagno (2003, p. 43) “Na verdade, trata-se muito mais de um preconceito do que de um conceito propriamente dito” e esse preconceito é em relação ao postulado de que existe apenas uma forma correta de falar a língua e que tal padrão deve ser apreciado por qualquer indivíduo que queira articulá-la de maneira “apropriada”.

Faraco apud Bagno, em *Linguística da Norma* ressalta que,

[...] é interessante lembrar que essa designação foi criada pelos próprios falantes dessa norma, o que deixa transparecer aspectos da escala axiológica com que interpretam o mundo. Seu posicionamento privilegiado na estrutura econômica e social os leva a se representar como “mais cultos” (talvez porque, historicamente, tenham se apropriado da cultura escrita como bem exclusivo, transformando-a em efetivo instrumento de poder) e, por consequência, a considerar a sua norma linguística – mesmo difusa em sua variabilidade de pronúncia, vocabulário e sintaxe – como a melhor em confronto com as muitas outras normas do espaço social. (2004, p. 40).

Além da expressão *norma culta* ser utilizada como advento da *expressão escrita*, conclui-se que ter domínio da norma culta é dominar a modalidade escrita e ser capaz de descrever com exatidão, coerência e riqueza vocabular. Costuma ser característica de grupos socialmente bem-sucedidos, do alto escalão, grandes escritores do passado e pessoas que já se graduaram no Ensino Superior com o desígnio de representar o português atual na sua forma culta.

Devido às características anteriormente citadas, na maioria das vezes, os usuários dessa gramática pertencem às camadas mais elevadas da sociedade. Em *Norma-padrão brasileira*:

desembaraçando alguns nós, Faraco ressalva que o termo “culto” foi atribuído à essa norma para que designasse tal variedade utilizada pelas pessoas que possuem maior contato com a escrita, e não para caracterizar os falantes desta modalidade como cultos e os outros como meros ignorantes.

Consideramos útil transcrever ainda o que Faraco apud Bagno, em *Linguística da Norma*, expõe:

Há na designação *norma culta* um emaranhado de pressuposto nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo “culto”, por exemplo, tomado em sentido absoluto pode sugerir que esta norma se opõe a normas “incultas”, que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. (2004, p. 39).

Sendo assim, ainda por ser a norma culta considerada uma língua ideal, acaba se criando atributos antagônicos que julgam qualificar a língua em certo e errado, feio e bonito, elegante e rude, civilizado e incivilizado, culto e inculto. Tomando o que está fora da gramática como erro absurdo, desconsiderando o contexto histórico do falante e apontando que o certo é somente tal e referida gramática culta.

Devido a essas atribuições, muitos brasileiros acreditam que não sabem a própria língua, e por não conseguir dominar a respectiva gramática assume que não sabe o português por ser algo muito difícil. De acordo com Rodrigues em *Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil*, há verdadeiramente um padrão “ideal” que deveria ser acatado e praticado independentemente do nível de uso da língua. Até porque qualquer anormalidade desse padrão seria censurada pelos usuários e a ideia da existência de um padrão “real” de uso da língua que surge da espontaneidade e do convívio natural é livre de protocolos a ser seguidos.

Assim, ainda conforme o autor:

As maneiras de comportamento que compõem a cultura de uma sociedade, e que são generalizações do comportamento de todos os (ou de alguns) membros dessa sociedade, são descritas como padrões culturais. Uma distinção que aí se impõe é a que se faz entre padrões ideais e padrões reais. Os padrões ideais definem o que se espera que as pessoas façam ou digam em determinadas situações no caso de elas se conformarem inteiramente com as normas estabelecidas por sua cultura; ao passo que os padrões reais derivam de observações sobre a maneira como as pessoas realmente se comportam em dadas situações. Frequentemente o padrão ideal é uma regra de comportamento para a qual tendem os membros da sociedade, mas que nem todos cumprem, ou não cumprem integralmente. (2004, p. 13).

Pelo que se pode entender, as pessoas que usam a norma culta como um pré-conceito e que possuem uma certa obsessão por esse tipo ideal de língua, não desconhecem o verdadeiro significado da mesma. Por outro lado, outras pessoas que usam a expressão norma culta como um conceito, um termo técnico e possuem fundamentação científica, antes de tudo investigam a língua realmente falada pelos falantes cultos, para no final dizerem realmente o que são esses caracteres linguísticos e se os que não apropriam dessa mesma opinião e proeza podem ser taxados como errados.

Bago em seu livro *Preconceito Linguístico* assegura que:

O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e a de seus concidadãos. O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente, a uma pessoa que viva numa zona rural onde um punhado de senhores feudais controlam extensões gigantescas de terra fértil, enquanto milhões de famílias de lavradores sem-terra não têm o que comer. (2005, p. 70).

Percebe-se assim que de nada adiantará ter propriedade da norma culta se o indivíduo não for reconhecido em seus direitos de cidadão e se não houver uma mudança da sociedade

atual. Ainda segundo o autor, a norma culta é um privilégio alcançado pela minoria no Brasil. O alto índice de analfabetismo no país e a falta de prática da leitura e escrita pelas pessoas alfabetizadas impossibilita que a norma culta seja utilizada como modalidade de língua padrão pelos brasileiros. Vale acentuar ainda que o objetivo da norma padrão vem estampado em seu próprio nome: padronizar a língua; Segundo Bagno em *Língua de Eulália*, esta norma obtém, principalmente:

Mais palavra eruditas, tem mais termos técnicos, tem um vocabulário maior e mais diversificado. Ela também tem mais construções sintáticas consideradas de bom gosto, tem expressões de origem erudita que servem de modelos para serem imitados, metáforas clássicas que dão um ar “nobre” à linguagem... (2001, p. 23).

Essa mesma costuma considerar aquilo que é diferente a ela errôneo, alimentando preconceitos no que diz respeito às demais variedades existentes. O termo “padronizar” surgiu com o objetivo de evitar que mudanças que poderiam alterar a língua, adviessem. Com base nesta observação, Faraco apud Bagno em *Linguística da Norma* ainda discorre que:

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada costumamos dar o nome de *norma padrão* ou *língua padrão*. (2004, p. 40).

Surgida no século XIX, a norma padrão tinha como propósito a unificação da língua procurando evitar as variações que despontavam na mesma. Estabelecendo um elo entre esta norma e a norma culta, nota-se que esta última diz respeito ao que a sociedade utiliza em sentido real e a primeira ao que é idealizado por algumas pessoas que a tem como a melhor e que procuram homogeneizar a língua.

No entanto, segundo Bagno em *Língua de Eulália*:

A norma padrão é aquele *modelo ideal* de língua que deve ser usado pelas autoridades, pelos órgãos oficiais, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquele que deve ser ensinado e aprendido na escola. [...] aquele que *deve* ser, não aquele que necessariamente *é* empregado pelas pessoas cultas. [...] Essa norma ao longo do tempo, se torna objeto de um grande investimento... [...] A Academia de Letras estabelece a ortografia oficial, a maneira única de escrever, que é imposta por decreto lei governamental. Ela também cuida para que palavras de origem estrangeira não

“contaminem” excessivamente a língua, e propõe novos termos para substituí-las, termos com uma forma mais próxima daquilo que os tradicionalistas chamam de “a índole da língua”. [...] Todo esse trabalho de *padronização*, de criação e cultivo de um modelo de língua, é que compõe o tal investimento de que eu falei... Por isso a norma-padrão dá a impressão de ser mais rica, mais complexa, mais versátil que todas as demais variedades da língua faladas pelas pessoas do país. Na verdade, ela nada tem de *melhor* que essas variedades, ela só tem *mais* que as outras. (2001, p. 22 e 23).

Nesse sentido, em acurada análise sobre esse elo acima apontado, Faraco citado por Bagno em *Linguística da Norma* afirma que:

O padrão não conseguirá jamais suplantar a diversidade, porque, para isso, seria preciso o impossível (e o indesejável, obviamente): homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história. Mesmo assim, o padrão terá sempre, por coações sociais, um certo efeito unificador sobre as demais normas, não estando, porém, isento de também receber influências dessas mesmas normas. (2004, p. 42).

Enfim, a norma padrão é sim sujeita a sofrer influências das outras normas, da mesma forma que as outras normas não estão imunes às consequências que podem sofrer dessa tentativa de unificação da norma padrão. A norma culta é tão complexa e confusa, que na citação abaixo o próprio Bagno em *Norma Oculta* desabafa:

No meio desse tiroteio, como é que a gente fica? A quem vamos atribuir a faixa de *Miss Norma Culta*? A situação é tão complicada, o terreno é tão movediço que, muitas vezes, até mesmo os próprios linguistas, que geralmente procuram ser o mais criteriosos possível, escorregam no chão pantanoso e se deixam levar pelas ambiguidades contidas na expressão *norma culta* (por seus próprios preconceitos inconscientes) e passam sem perceber de um conjunto de ideias para outro, do normal para o normativo e vice-versa, deixando o leitor em dúvida sobre qual é, de fato, o fenômeno que está sendo trabalhado ali. Isso ocorre ainda mais frequentemente quando estudiosos de outras áreas de conhecimento (história, sociologia, antropologia, educação, comunicação, filosofia etc.) escrevem sobre questões relacionadas à língua. (2009, p. 55).

Partindo desse pressuposto, fica explícito que os falantes que utilizam dessa norma não estão isentos de “errar”. Por mais que os usuários pratiquem a norma culta diariamente, pode ocorrer de serem vítimas das variações mesmo estando por dentro das regras. E na maioria das vezes, algumas palavras não são tão usadas como antes, estando atualmente em desuso, o que culmina em confusão e incertezas em relação ao que o leitor pensa saber da norma culta.

Lucchesi e Lobo (1988), citados por Bagno em *Norma Linguística e Realidade Social* (2004, p. 65), fazem uma distinção entre norma padrão e norma culta expondo que “a primeira reuniria as formas contidas e prescritas pelas gramáticas normativas, enquanto a segunda conteria as formas efetivamente apreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados”. Conclui-se que a norma padrão dita regras a serem seguidas, e a norma culta se trata das falas politicamente corretas dos seus usuários.

1.4 – Sociolinguística

A Sociolinguística, antes conhecida como uma área da Linguística, estuda a língua em sociedade, atentando para o modo de falar dos indivíduos e suas variações. É conhecida também como mudança ou variação linguística. Seu enfoque é tratar positivamente ou negativamente as formas distintas da fala e os aspectos resultantes da relação entre língua e sociedade.

Martelotta considera que:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (2008, p. 141).

Como aponta Martelotta, o foco da sociolinguística é estudar as diferenças que incidem na fala de pessoas de diversos lugares, analisando como essas mudanças ocorrem na sociedade de modo geral e o que podem influenciar na vida pessoal de cada pessoa, em seu cotidiano. Por isso, a língua não é algo independente, não deve ser estudada sozinha, mas sempre em consonância com o contexto social.

Se não houvesse essas variações linguísticas, não teria sentido para os estudiosos abordar a diversidade presente em uma determinada comunidade. Nesta perspectiva, vários pesquisadores se submetem a fazer análises e buscar respostas para tais questionamentos, que dizem respeito às formas diferentes de falar e a variações presentes em um grupo específico.

Quanto à multiplicidade linguística, Bagno em *Preconceito Linguístico: o que é como se faz*, corrobora que:

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita (2007, p. 36).

A língua possui multiplicidade, é heterogênea e essas são características que podem ser observadas de região para região, de sociedade para sociedade, de sujeito para sujeito. É

dever da sociolinguística demonstrar essas diversidades, como também os aspectos que salientam na produção dessa alocação. Tais fatores estão voltados a conjuntos distintos: a variação diafásica/situação de comunicação, diatópica/variedades locais, regionais e a diastrática/diferenças de um grupo social para outro.

Devido à essa diferença, ocorre um preconceito linguístico por parte dos falantes usuários da norma padrão, a qual, muitas vezes é acatada como a correta, sem levar em consideração os fatores múltiplos que causam esta variação, sendo eles o nível de escolaridade, idade, classe social e sexo. Algumas comunidades por não terem conhecimento do que é proveniente dessas variações linguísticas, acabam se tornando ignorantes e julgam a forma expressada como “errada”.

Eni Puccinelli Orlandi, (2009 p. 49) no seu livro *O que é Linguística*, ainda afirma que “O objetivo da sociolinguística é sistematizar a variação existente na linguagem. Ela considera que o sistema da língua não é homogêneo, mas heterogêneo e dinâmico”. A Sociolinguística tem as variações linguísticas como objeto de estudo, compreendendo-as como um princípio geral e universal, sujeitas à serem descritas e estudadas cientificamente. Ela estuda a linguagem de acordo com o seu contexto social.

Esse estudo foi reconhecido em um congresso organizado nos Estados Unidos, em que envolvia vários estudiosos, no ano de 1964, que estavam interessados neste assunto. Com isso, uma relação entre linguagem e sociedade foi estabelecida.

É muito importante para a Sociolinguística as mudanças ocorridas na comunidade da fala, levando em consideração atitudes ocasionadas perante o uso do palavreado e os fatores externos. Se não houvesse tais diversidades presentes nos pequenos e grandes grupos sociais, não seria importante analisar a fala do ser humano e considerar essas modificações, apoiando-as e justificando-as.

1.5 Preconceito linguístico

Nos dias atuais, é provável que várias pessoas já tiveram a experiência de estarem em um lugar, normalmente público, e escutem alguém conversando sobre alguma coisa ao seu redor. Sem olhar diretamente para os envolvidos no discurso, por ética ou mesmo por “decência”, a maioria não volta o olhar para quem está dialogando, criando uma impressão que os leve a identificar socialmente os falantes, avaliando a origem geográfica e automaticamente a classe social dos participantes do diálogo, apenas com base na expressão verbal dos envolvidos.

Segundo Marcos Bagno em *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?*:

[...] as formas linguísticas vão ser julgadas e avaliadas de acordo com os juízes e valores sociais atribuídos a quem se serve delas. Pense bem: quem são os falantes que empregam as formas pranta, trabaio, preguntá, cunzinha etc? Geralmente, são pessoas sem instrução formal, residentes na zona rural ou nas periferias das grandes cidades, que exercem atividades profissionais mal remuneradas etc. Qual o prestígio que elas têm na sociedade? Muito pouco, quase nenhum, principalmente numa sociedade como a brasileira, extremamente injusta na distribuição da renda e marcada por um alto grau de exclusão (2007, p. 76).

O que fica claro aqui é que, se o falante não tem prestígio na sociedade, haverá um julgamento quanto ao seu modo de falar. Marcos Bagno faz uma crítica à sociedade brasileira pela forma a qual avalia um cidadão que pronuncia diferente, deixando fatores como a falta de remuneração de certas tarefas, a má distribuição de renda e outros aspectos, interferir de forma negativa, sendo estes os principais motivos que causam a exclusão social de cidadãos que residem em comunidades rurais.

Na sequência desse raciocínio, muito se fala em preconceito linguístico, uma subjugação depreciativa da fala do outro, sendo essa fala uma forma diferenciada de pronunciar. E se tratando deste assunto, a zona rural é um dos lugares em que mais se veem essa falta de conveniência. As pessoas que vivem nesse ambiente, por estarem longe da sociedade urbana, se tornam vítimas pela sua falta de domínio linguístico, por se comunicarem de forma “errada” em comparação com o falar urbano. Sendo o Brasil um país composto por incontáveis diferenças tanto no campo político, religioso, cultural quanto no social e linguístico, a língua é a ponte que permite a comunicação entre os indivíduos, o que torna esse uso constante e indispensável para que a sociedade se comunique.

Devido à essa mistura, falares novos vão surgindo assim como os antigos deixam de serem usados, a partir do momento em que a convivência do indivíduo passa a ser afetada

pela inserção de novos integrantes àquele ambiente. Em *Introdução à linguística: Sociolinguística*:

parte 1, Alkmim diz:

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa” engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. (2001, p. 33).

Em primeiro lugar, a diversidade linguística é um fator que não pode ser monitorado, permitindo que uma mesma palavra tenha várias formas de falar; o que aqui conhecemos por “mandioca” em outras regiões é tida como “aipim”, “macaxeira” e isso fortalece o argumento de que, por mais que sejam palavras diferentes, elas possuem o mesmo significado. Conforme citado acima, ressalva-se que variações desta maneira não existem apenas no Brasil, mas em outros lugares que também falam a Língua Portuguesa.

A nação brasileira é formada por inúmeros grupos e rica em heterogeneidades culturais, por isso, cada grupo possui a sua maneira de expressar a particularidade linguística. Assim, de acordo com o tempo que frequentam ou o determinado local a que fazem parte, os falantes podem ter diálogos distintos, conforme sua convivência com culturas variadas. Bagno em *Preconceito Linguístico: o que é como se faz* registra que:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geograficamente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menos prestígio como inferiores ou erradas (2007, p. 27).

Para que se possa conhecer qual cultura pertence determinado falante e se o pronunciar do mesmo é de acordo com seus costumes, é importante considerar a origem geográfica do indivíduo, assim como já enfatiza Marcos Bagno na citação acima. Para que um falante adquira em sua fala um argumento novo, é necessário que ele já obtenha contato ou uma convivência significativa com outro indivíduo.

Através dessa diversidade linguística, surgem os preconceitos que se dão, principalmente, sobre às pessoas pertencentes a baixas classes sociais e zona rural, tornando-os alvos e os prejudicando por isso. E então, o usuário da variação linguística acaba perdendo reconhecimento e, além de julgado, é avaliado pela sociedade por portar essa modificação na fala. Não é a variação linguística quem sofre o preconceito, mas sim quem a utiliza.

Normalmente, pessoas que passam por essas circunstâncias são taxadas como seres com falta de conhecimento e tidas como ignorantes da forma padrão, não sendo vistos, simplesmente, como uma variação. Sobre isso, Bagno em *Preconceito Linguístico: o que é como se faz* diz:

Assim, aquilo que para o sociolinguista representa apenas “diferença” no uso da língua, para as pessoas em geral vai representar, de fato, um “erro”, um “defeito”, um sinal de “ignorância”. Por isso, venho repetindo que onde tem variação sempre tem também avaliação (2007, p. 77).

A pessoa que faz pouco do modo de outras pessoas falarem, só pode ser que crê no mito de que a língua é única e invariante, considerando-a digna de ser a única correta e tomando as demais simplesmente como erros. O que se deve ensinar nas escolas é que não é válido ignorar a linguagem, pois a variação é parte inerente da mesma. É imprescindível assimilar que a forma de expressão em si própria não é deficiente, mas diferente.

Feita essa observação, Possenti apud Marilene Felinto, ao escrever sobre pessoas do interior em *A cor da Língua*, concorda que “O povo tem pronúncia enrolada, estranha de ouvir; e fala um português capenga, em que imperam ausência de plural e erros de concordância” (2001, p. 63 e 64). Cada usuário expressa o que quer de acordo com o que ele é capaz de transmitir, e a língua é quem fornece esse meio e possibilita essa interação.

Ressalva-se que as línguas se alteram com o passar do tempo, pois acompanha o homem em sua evolução, então compreende-se que a mesma não é imutável. Desde os primeiros tempos já havia preconceito em relação à variedade falada e popular, vez que português tem ascendência do latim, que habitualmente também era reconhecido como Latim Vulgar, a língua utilizada pelo povo, grande massa popular menos favorecida.

Antes de discriminar as variedades não-padrão, seria interessante apreciá-las como fenômenos linguísticos regulares, conscientizando-se de que eles estão por todo lado, e não exclusivamente na zona rural. É possível identificá-los por meio do modo de falar dos indivíduos, atentando sempre para o fato de que toda língua comporta variedades, que, segundo Camacho em *A variação linguística - Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º graus*, se dão: (a) em função da identidade social do emissor; (b) em função da identidade social do receptor; (c) em função das condições sociais de produção discursiva (CAMACHO, 1988).

A respeito desta reflexão, merece referir à relação língua e sociedade e reconhecer, que.

“[...] uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1985, p. 04). Nesta perspectiva, expressões que despontam sinal de plural em todos os constituintes, como em “as mulheres bonitas” e “dez dias” são variantes consideradas como detentoras de prestígio social entre os participantes da comunidade, e são reconhecidas como variantes de prestígio ou padrão. Enquanto isso, nas alternativas com ausência de marca de pluralidade nos constituintes de uma frase, como em “deis dia” são tidas como variantes não padrões ou que divergem do comum.

Enfim, é importante que o indivíduo inclua no interior da sua competência linguística as formas alternativas da variedade-padrão ou de prestígio e da variedade não-padrão, que sai fora do comum; tais quais é possível realizar a seleção de acordo com a variação das circunstâncias de interação.

Geralmente, as pessoas de baixa escolarização, que exercem funções produtivas que exigem apenas habilidades manuais, são mais estimuladas quanto à capacidade de operar com regras variáveis, pelo menos no âmbito em que trabalha, pois, como lhe foram vetadas as chances de adaptação do seu estilo de falar às circunstâncias de interação, o que eles usam para se expressarem acaba sendo uma variável que veda uma possibilidade de ascensão social, que depende de capacidade verbal.

Entende-se que é papel da escola ensinar as formas da variedade-padrão, criando condições para que a criança, quando adulto, seja capaz de inserir em seu acervo o quanto possível de formas padrão, e saiba utilizar adequadamente a expressão verbal nas situações interativas de comunicação na qual se encontrar.

Acredita-se que é dever da escola ensinar, da mesma forma que é direito do aluno aprender a variedade-padrão. Contudo, esse ensino não deve fazer com que as variedades não padrão sejam extirpadas, mas que soluções sejam criadas de modo que ambas as formas convivam no âmbito escolar.

Por ser um fator evidente na fala de pessoas pertencentes às camadas sociais pouco privilegiadas e da zona rural, essas variações são, muitas vezes, discriminadas. Sendo assim, é importante que toda a escola, desde professor até o aluno, demonstre o respeito pela liberdade de expressão desses usuários, ensinando a língua da forma devida e excluir o preconceito.

2 – Fenômenos Linguísticos

Sabe-se que por ser a língua um organismo heterogêneo sujeito a variações, existem várias formas diferentes de se expressar de pessoa para pessoa. Tal afirmação já fora explicada no capítulo anterior. No entanto, o que realmente importa é que haja um discurso coerente e uma boa comunicação entre os participantes do discurso.

Ressaltamos que essa variação decorre de inúmeros fatores que ocasionam os denominados “fenômenos linguísticos”. Alguns desses processos se fazem presentes na pronúncia da maioria dos indivíduos, sendo encontrados mais nitidamente nas falas dos moradores da zona rural.

Considerando que a língua é influenciada pelos usos sociais que os falantes fazem dela, e a variação linguística é um fenômeno natural que se desdobra de múltiplas formas, torna-se imprescindível citar alguns conjuntos distintos que estão relacionados aos fatores que ocasionam a expressão de palavras diferentes. São eles:

□ **Variação diafásica/situação de comunicação** – diz respeito à linguagem utilizada pelo falante em uma determinada ocasião dialogal, de acordo com o grau de formalidade e ajustamento do locutor à identidade social do ouvinte.

É conhecida também como “estilística”, podendo acontecer de o emprego da língua diferir dependendo do ambiente interativo em que se encontram os falantes. Como exemplo basta observar a maneira que as pessoas conversam em casa, numa mesa de um bar com os amigos, em palestras ou então em uma reunião com o patrão.

Para melhor compreensão, citaremos uma situação formal, uma entrevista para emprego em que o entrevistado deverá utilizar uma linguagem apropriada àquela ocasião, sem vícios de linguagem ou gírias. Ele provavelmente empregará termos convencionais cultos e fará uma boa pronúncia com as palavras, sendo este um forte fator para que ele adquira aquele emprego.

Porém, em uma roda de amigos, uma situação dita informal, convém usar uma linguagem mais natural e espontânea por se tratar de uma situação em que não é necessário se importar com regras gramaticais e nem com repreensão de vícios linguísticos ou gírias inconvenientes, isto é, pode-se usar a linguagem informal.

Cada circunstância requer um controle maior ou menor do falante, tanto do seu comportamento em geral como do seu comportamento verbal. Refletindo sobre a variação diafásica e a mantendo sempre em mente, não nos perderemos em certas situações e nem teremos problemas de situacionalidade.

□ **Diatópica/variedades locais, regionais** – é uma variação que permite que a língua seja falada de forma diferente em lugares distintos. Rodolfo Ilari e Renato Basso em *O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*, assegura que, advinda do grego *dia* (através de) e *topos* (lugar), a variação diatópica se caracteriza pelas “diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países” (2006, p. 157). As variações linguísticas presentes no Brasil demonstram sua riqueza, assim como as herdades culturais que formam o povo brasileiro.

Além disto, em *Língua de Eulália* Bagno diz que:

A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma criança não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. (2001, p. 20).

Devido à essa singularidade de cada gente, pode acontecer dessas variações serem influenciadas por vários fatores, pois, segundo Terra em *Linguagem, Língua e Fala*, “esse caráter individual da fala é responsável pela diversidade da língua: cada falante acaba utilizando-a de maneira peculiar, de modo que a forma utilizada por um falante individualmente é diferente da utilizada pelos demais” (2008, p. 84). Isso significa que uma palavra em uma determinada região pode ser dita em outro lugar de forma diferente, embora possua o mesmo significado.

Segundo Alkmim em *Sociolinguística: parte I* “a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.” (2001, p. 34). Sendo esta uma ocorrência de cunho lexical, observa-se que tal variação se evidencia quando há dois interlocutores de regiões diferentes dialogando, como por exemplo, um falante sulino e um nordestino.

Cada um desses enunciadores atribui um nome diferente para um mesmo substantivo, sendo no Sudeste a mandioca chamada “aipim” e no Nordeste “macaxeira”. Ambas tratam-se de variações que permeiam no léxico dos falantes dos diferentes lugares do Brasil, assim como a palavra “mexerica”, que é conhecida em outras regiões por “bergamota” ou “tangerina”.

Há também as ocorrências de cunho fonético/fonológico, em que, para melhor compreensão, usaremos o “R” para exemplificar. O “R” trata-se de uma variável comum que tem o propósito de, em palavras como *carne*, *computador*, *garfo* e *coberta*, tender a ser pronunciado de maneira diferente por um falante do interior de Goiás e um falante mineiro, por exemplo. Um goiano da nossa região provavelmente não “puxará” o “R”, já um nativo mineiro “enrolará” a língua para o pronunciar.

Ainda na mesma linha, destacaremos outra ocorrência de cunho morfossintático, em que demonstra uma variação presente também no Brasil, portanto, em regiões específicas. Referimo-nos às duas formas pronominais existentes, utilizada por alguns falantes do português brasileiro, para referir-se ao seu colocutor numa circunstância natural de interação e para expressar a segunda pessoa do singular: o *tu* e *você*.

Repara-se que a região Sul do Brasil já é afamada por apresentar predominância quanto ao uso do pronome pessoal *tu*, enquanto que, de modo geral em outras regiões do país, a forma mais empregada é o pronome informal *você*. Sendo utilizado para dirigir-se à segunda pessoa do singular.

□ **Diastrática/diferenças de um grupo social para outro** – trata-se das diferentes formas de falar dos indivíduos pertencentes a diversos grupos sociais, são modificações na língua acarretadas pelo ambiente.

Nesta perspectiva, Alkmim em *Sociolinguística: Parte I* nos aponta “os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social” (classe alta/média/baixa);

“b) idade” (criança/jovem/idoso); “c) sexo” (feminino/masculino); “d) situação ou contexto social”. (2001, p. 35). São causas que, de acordo com a forma expressada, aproximará mais o falar do usuário à norma padrão ou o distanciará desta.

Para melhor compreensão, citaremos alguns indicadores desta variação, tais como dupla negação: “não tinha nada lá”, onde falares como esses são típicos de pessoas de baixo nível socioeconômico. A troca das consoantes “r” por “l”, como em “pranta” (planta) nos sugere que o emissor possua pouca escolaridade, da mesma forma acontece nos linguajares normalmente característicos de mulheres ao empregarem diminutivos como “gracinha”, “rosinha”, “fofiiiiinho”.

Trata-se de uma variedade que define o nível socioeconômico do indivíduo com base no linguajar utilizado pelo mesmo, podendo se tornar algo que interfira e impossibilite a inclusão social. No entanto, é uma variação que permite a compreensão entre os falantes, ao contrário do que acontece com a variação diatópica, por exemplo.

□ **Variação diacrônica** – é uma variação estabelecida através do tempo. Da mesma forma que as pessoas evoluem, a língua também muda. Por ser o Brasil um país que sofreu influência de vários outros países, principalmente Estados Unidos, fica evidente que o estrangeirismo é um fator muito presente no português falado.

Observa-se que não é apenas no Brasil, mas as palavras inglesas são algo que tem permeado muito as línguas faladas em todo o mundo. É possível notar essa influência estrangeira em várias palavras utilizadas, inclusive pelo povo brasileiro. São palavras que, ao analisá-las, não é possível encontrar um termo pertencente da língua portuguesa para substituí-las.

Os termos da língua inglesa normalmente empregados no Brasil são justificados pelo fato da mesma ser disseminada pelo mundo. Sua influência pode ser percebida em várias culturas, inclusive no Brasil. Os termos mais comuns incluídos na língua portuguesa são: *internet, shopping, short, jeans, software, mouse, print screen, zoom, show*.

Salientamos também, a inclusão das letras *k*, *w* e *y* no alfabeto brasileiro após o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. São letras que pertenceram ao nosso alfabeto décadas atrás e costumavam ser utilizadas para nos referirmos às unidades, como Km (quilômetro) e Kg (quilograma).

Durante este período em que *k*, *w*, *y* foram abolidas, as mesmas eram utilizadas com mais frequência em línguas no exterior. Porém em 2012, ao serem reintegradas ao alfabeto

português brasileiro, passaram a ser mais utilizadas também em nomes próprios de origem estrangeira como *Kevin, Bryan e Lawrence*.

Da mesma forma percebe-se que algumas palavras utilizadas por pessoas mais velhas, com o passar do tempo vai entrando em desuso e novas palavras vão sendo empregadas pelos mais jovens. Atualmente, muitos vocábulos anteriormente usados pelos mais antigos, foram substituídos e não são mais utilizados. Isso se justifica porque a língua é mutável e evolui de geração em geração, juntamente com os seus usuários.

Através do entrecruzamento dos diversos fatores sociais citados acima, é possível compreender o que afirmavam Callou & Leite em *Como falam os brasileiros*:

A fala tem um caráter emblemático, que indica se o falante é brasileiro ou português, francês ou italiano, alemão ou holandês, americano ou inglês, e, mais ainda, sendo brasileiro, se é nordestino, sulista ou carioca. Dizem ainda que a linguagem oferece pistas que permitem dizer se o locutor é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado. (2003, p. 07).

São muitos os usos da língua, sendo eles expressivos ou inexpressivos, elegantes ou grosseiros, comuns ou incomuns, formais ou informais, apropriados ou não às finalidades comunicativas, e por sua vez, são diferenciados uns dos outros e não errados em sua essência. A Língua Portuguesa, assim como qualquer outra língua, tem o certo e o errado somente em relação à sua estrutura. Com relação ao seu uso pelas comunidades falantes, não existe o certo e o errado linguisticamente, apenas a diversidade desta língua.

É importante acentuar ainda que, para que os estudos da oralidade da comunidade analisada sejam feitos, é necessário o registro dos diferentes tipos de falas em algumas localidades e a análise do perfil sociológico, econômico e cultural dos indivíduos do lugar estudado.

Ao falar sobre os fenômenos linguísticos nos remetemos aos processos ocorridos na fala de qualquer indivíduo. Afirma-nos Crystal em *A Revolução da Linguagem* que:

Nenhuma língua existe de forma isolada. Todas as línguas em contato se influenciam mutuamente. Aquelas cujo alcance é maior exercem mais influência sobre suas línguas de contato. E uma língua global, por natureza, exerce mais influência que todas. (2005, p. 53).

Entende-se que é um processo onde “ninguém escapa”. Por mais que não seja uma ação imediata, urbano e rural são influenciados um sobre o outro. Desde os mais privilegiados aos menos escolarizados. A globalização é forte fator nesta mudança, pois quase tudo evolui cada vez mais e com isso as transformações vão se tornando inevitáveis.

Língua pura? Essa é uma questão dispensável segundo Cox e Peterson apud Cavalcanti & Bortoni em *Transculturalidade, linguagem e educação*, “o virgem, o nativo, o autêntico, o original, o puro, o não-misturado não existe mais. Aliás, nunca existiu”. (2007, p. 33). Essa não é uma questão relevante atualmente.

Em continuidade aos fenômenos linguísticos, alguns citados especificamente por Marcos Bagno encontram-se explícitos em seu livro “Língua de Eulália”, os quais nos disporemos mais adiante.

2.1- Processo da monotongação

Segundo Bagno em *Língua de Eulália*, são “dois sons que se transformaram num só” (2001, p. 88). Trata-se de um fenômeno comum tanto no português padrão, quanto no não padrão. A ocorrência deste se dá através de um processo sofrido nos ditongos: supressão da semivogal, isto é redução das vogais simples.

Com uma perspectiva diacrônica em *Brasileirismos: problemas de método*, Boléo alegava que:

A redução dos ditongos ei a ê e ou a ô- bêjo, pêxe, ôro, ‘dêxa de brincadêra’ – não é facto lingüístico próprio do Brasil: encontra-se em várias regiões de Portugal, e com bastante frequência. Na Beira Baixa, província que conheço melhor, é êle correntíssimo. (1943, p. 24).

Percebe-se que é um processo que seguiu a evolução histórica da língua e que durante este período de desenvolvimento viera sofrendo influências de outros linguajares.

Para melhor compreensão observem outras palavras no quadro abaixo, segundo Bagno (2001, p. 88):

Língua escrita	Língua falada
Beicho	Beicho
Beijo	Bêjo
Brasileiro	Brasilêro
Cheiro	Chêro
Deixa	dêxa

Entende-se, afinal, que a coluna que demonstra a forma falada das palavras fora modificada, pois ao ser pronunciadas o ditongo **ei** se transformou na vogal **e**. Essa ocorrência é a denominada monotongação. Contudo, “a monotongação só acontece quando o ditongo EI aparece diante das consoantes J, X e R...” (BAGNO, 2001, p. 89).

Hricsina, sobre a monotongação, em adverte-nos em *Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno: tentativa da verificação que,*

Esta mudança afeta principalmente os ditongos originais (primários). Os ditongos em questão são os seguintes: /ae/ > /ɜ/ (do século II), /oe/ > /e/ (desde a segunda metade do século I) a /au/ > /o/ (esta mudança foi registada em Roma já em meados do século II a. C.) (caecus – caecum > /kɛko/ > /k'ɛgo/ > /tɛgo/, poena – poenam > /pena/, aut (nebo) > /out/ > /ou/ > /o/). Na Península Ibérica, este fenômeno expandiu-se mais tarde do que nas outras partes da România. É só em finais do século X que nos documentos escritos podemos registar os monotongos. Esta tendência está bem documentada, por exemplo, nas Glosas Silenses¹⁰ (pauca > poca, causa > cosa). Nestas palavras, o ditongo /aw/ é original (primário). Deste ditongo primário distinguem-se os ditongos secundários, ou seja, ditongos que se formaram ou por meio de síncope (queda) duma consoante ou pela vocalização da consoante /l/ que seguia a vogal /a/ na sílaba travada (cantāvit (zǝíval) > /kantaw:t/ > /kantaw:/ > /kanto:/, alteru (jiný) > /a:ltru/ > /aw:tru/ > /o:tru/). Em muitas palavras, o ditongo primário /aw/ passou a ser monotongo (augustus > agustus, auscultare ascultare). (2013, p. 208).

Em suma, trata-se de uma mudança ocorrida apenas com os principais ditongos, os primeiros. E então descobriu ser a monotongação um fenômeno social que, mais tarde, se expandiu em outros lugares mantendo-se nas línguas românicas.

2.2 – Iotização

É um fenômeno linguístico também conhecido por “transformação de LH em I” e “yeísmo”. Todavia, possuem a mesma função. Encontra-se presente em várias outras línguas, inclusive no “espanhol falado na América Central, nas ilhas no Caribe e em diversos países da América do sul [...] no francês até o início do século passado”. (BAGNO, 2001, p. 57). Pelo que é possível notar, essa é uma variação presente não somente no Brasil, mas igualmente em

outras culturas. Assim, palavras que são com lh, acabam sendo pronunciadas por alguns no português não padrão com som de “io” ou invés de “lho”, como em “velho” que normalmente se pronunciam “véio”, “abelha/abêia”.

Na tentativa de justificar essa ocorrência, Nascentes, em *O linguajar carioca*, diz que essa iotização ocorre devido à dificuldade dos povos ao pronunciar lh: “A dita classe era composta em sua maioria de índios e africanos que não possuíam este fonema em suas línguas; tiveram de aprendê-lo, aprenderam estropiadamente e deste modo o transmitiram aos seus descendentes.” (1953, p. 49).

Já Marcos Bagno diz se tratar de uma comodidade ao pronunciar o “lhê”, que é “produzida com a ponta da língua tocando o palato (nome “oficial” do céu da boca”), muito perto onde é produzida a semivogal /y/ (símbolo usado para representar o “i” de *pai*)”, tornando-se mais difícil de se falar. E é onde ocorre a transformação na palavra.

2.3 - Alçamento da pretônica e postônica

As vogais pretônicas são caracterizadas por se posicionarem em uma palavra, antes da vogal tônica (por isso “pré-tônica”) sendo acompanhada pela postônica. É chamada postônica a que vem logo em seguida. A vogal tônica é aquela de maior ênfase na fala, a que é pronunciada com mais força.

A pretônica é denominada assim por ser um átono; mais fraca que a sílaba tônica. Como afirma Bagno em *Língua de Eulália*, “só pode existir uma sílaba tônica em cada palavra, todas as outras sílabas são chamadas de *átonas*, isto é, *não tônicas*.”

Nesta mesma linha, sobre as postônicas Bagno também postula que:

Na língua portuguesa, quando as vogais E e O são postônicas sofrem o que a gente chama de redução: elas são pronunciadas de maneira mais fraca e soam como um I e um u. Por isso a palavra ovo é pronunciada ôvu, a frase ELE BEBE é pronunciada êli bébi, e ninguém se espanta com isso. Esta é uma regra que vale praticamente em todos os lugares do mundo onde se fala o português. (2001, p. 96).

Esse processo ocorre quando são postônicas. Quando são pretônicas, Bagno ainda complementa que são mais complexas: “Quando estas mesmas vogais E e O são *pretônicas*, a situação é menos simples, menos geral, menos *sistemática*, como dizem os lingüistas.” (2001,

p. 97). Contudo, ainda assim é possível averiguar algumas situações em que incidem este fenômeno.

Neste sentido, Bagno ainda nos demonstra que “a presença de um I e de U na sílaba tônica faz com que as vogais átonas pretônicas escritas E e O se reduzam e sejam pronunciadas i e u...”. (2001, p. 98). Esta ocorrência é denominada “harmonização vocálica” e nos permite emitir um melodioso fenômeno musical ao pronunciarmos algumas palavras.

Esta harmonização não é facilmente percebida e é dificilmente aprendida por um estrangeiro, pois este normalmente segue a forma escrita. Sendo esta apenas uma ideia de como é aquela palavra. (Bagno, 2001, p. 99).

2.4 - Eliminação das marcas de plural redundantes

Há uma diferença da forma como é empregado o plural tanto no português padrão, quanto no português não padrão. No português padrão há regras a serem seguidas, e existe o que é denominado de marcas redundantes de plural, sem eliminação dos plurais. Assim, em uma sentença proferida por um falante culto será usado os plurais da forma dita correta. Já no português não padrão essas marcas de plurais serão eliminadas.

Bagno, em *Língua de Eulália*, afirma que “O português não-padrão [...] é mais sóbrio, mais econômico, mais modesto, menos “ vaidoso”. Sua regra de plural é a seguinte: “marcar uma só palavra para indicar um número de coisas maior que um”. (2012, p. 51).

Para compreensão, exemplificaremos da seguinte maneira: “Quero te dar as lindas flores amarelas que brotaram no meu jardim”, nesta sentença, para que ficasse claro o plural, o português padrão se apropriou das cinco marcas de plural (artigo, substantivo, adjetivo, verbo...), fazendo com que várias classes de palavras fossem modificadas. (BAGNO, 2012, p. 51).

No segundo exemplo “Onde as onda se espaia”, nota-se que há uma hierarquia rigorosa pois a marca de plural é empregada apenas no artigo definido “as”. No entanto, pode acontecer de não ter o artigo definido na frase, e então a marca de plural passa para a primeira palavra da oração. Isso funcionará como uma alerta de que aquela sentença está pluralizada.

2.5 – Rotacismo

Este fenômeno é identificado como “alteração de l para r em trava silábica”. É muito comum nas mais diversas regiões do país. Neste, o falante ao invés de pronunciar “planta, blusa, chiclete”, pronuncia “pranta, brusa, chicrete”.

O Rotacismo esteve presente desde a formação da língua portuguesa ao longo de todos esses séculos. Então, antes de o tratarmos como erro, é importante nos atentarmos para o fato de que essa é uma tendência muito antiga no português.

Marcos Bagno, em *Língua de Eulália*, questiona e defende:

Quantas vezes você já ouviu alguém dizer Cráudia, grobo, pranta, ingrês, broco e teve muita vontade de rir, se é que não riu gostoso? Ou então, teve pena do “pobre coitado” que “não sabe português” e fala tudo “errado”? Afinal, os professores, os livros, as gramáticas e os dicionários nos ensinam que o “certo”, o “bonito” é falar Cláudia, globo, planta, inglês, bloco... (2001, p. 44).

Percebe-se que esta troca de sons na hora de pronunciar palavras que possuem encontros consonantais com “L” trocando-as pelo fonema “R” não é proposital. É uma ocorrência inata da língua e não deve ser objeto de “chacota”.

Feita essa observação, é interessante reparar que muitas das palavras em que acontecem tal fenômeno sofreram alterações notáveis, de acordo com a história do português. Percebe-se que alguns termos usados hoje no português, que são acatados como correto, no passado eram escritos de outras maneiras.

Assim como a palavra “igreja”, que no latim era *ecclesia*, no francês *église*, no espanhol *iglesia*, e atualmente no Brasil é *igreja*. Bagno critica: “onde havia um L em latim (L que se conservou em francês e espanhol) surgiu um “ridículo” R em português? O que terá acontecido? Será que você e um monte de gente desavisada estão usando estas palavras sem saber que são “erradas” ou “engraçadas”? (BAGNO, 2001, p. 44).

Contudo, é perceptível que esta alteração de L para R é inerente à língua portuguesa. Segundo Bagno, em *Língua de Eulália*, este fenômeno não deve ser visto como erro, pois:

Quem diz broco em lugar de bloco não é “burro”, não fala “errado” nem é “engraçado”, mas está apenas acompanhando a natural inclinação rotacizante da língua. O que era L em latim, nessas palavras [...], permaneceu L em francês e em espanhol, mas em português se transformou em R. Já em italiano, só para vocês saberem, este mesmo L virou um I: fiamma (“flama”), fiore (“flor”), pianta (“planta”). [...] Mas nenhuma delas tem nada a ver com “certo” ou “errado”. Pode ter sido uma tentativa de alguns escritores e gramáticos de “recuperar” a forma latina original. Pode ter sido uma simples questão de opção: na época de Alencar e Machado havia a liberdade de escolha entre froco e floco, o que hoje já não existe. O próprio Camões, n’*Os Lusíadas*, escreve ora *ingrês*, ora *inglês*. Por razões como essas, entre outras, é que algumas palavras permaneceram na norma-padrão com o L do latim, enquanto outras, pelo fenômeno do rotacismo, ficaram com o R. E como os hábitos e os gostos lingüísticos mudam e variam, hoje já não está mais “na moda” dizer *frecha, froco, pranta...* (2001, p. 46).

Enfim, trata-se de uma questão intrigante. É um fenômeno normalmente utilizado por pessoas que sofrem com injustiça sociais, não tendo a oportunidade de ir à escola ou desfrutar de uma educação de qualidade e por isso portam variações distintas em seu modo de falar.

2.6 – Simplificação das conjugações verbais

Esse fenômeno dá-se através da simplificação da conjugação dos verbos nas frases. Ao invés de conjugar eu corro/ tu corres/ ele/ela corre/ nós corremos/ vós correis /eles correm, o falante no português não-padrão conjugará ao falar como: eu corro/ tu /você corre/ ele corre/ nós/a gente corre / vocês corre/ eles corre.

Como aponta Marcos Bagno em *Língua de Eulália*: “Os pesquisadores que estudam os falares regionais e não-padrão têm verificado que de Norte a Sul do Brasil existe uma tendência generalizada a reduzir as seis formas do verbo conjugado a apenas duas” (2001, p. 65). Desta forma, para que o ouvinte compreenda o que está sendo dito, baste que o enunciado disponha do sujeito para indiciar a pessoa verbal: “Se a pessoa já está sendo indicada, a forma do verbo não precisa variar tanto para que o ouvinte compreenda de quem se está falando e qual é o tempo verbal em questão”. (2001, p. 66).

Essa ocorrência se justifica porque o que acontece no português não-padrão é a minimização do excesso de marcas dos plurais para indiciar apenas uma coisa, o que “fica limitada somente ao artigo ou à primeira palavra, como em *os menino bonito*, no caso dos verbos, ao que parece, basta a presença do pronome-sujeito para indicar a pessoa verbal”.

(2001, p. 66). Contudo, concluímo-nos que não dá para confundir ou desentender o que está sendo falado. Tudo isso se trata da funcionalidade do português não padrão.

2.7 - Assimilação

Atualmente, se ouve com frequência palavras como “falando, comendo, cantando” sendo pronunciadas como *falano, comeno, cantano*. Essa mudança é denominada assimilação. Fenômeno que permite que palavras no gerúndio, ao invés de serem pronunciadas com a terminação *ndo*, sejam pronunciadas com a desinência *no* conforme a velocidade expressada ou grau de atenção do falante.

Esse é um fenômeno presente não somente no português não-padrão, pois se trata de uma ocorrência tanto na fala de pessoas escolarizadas em situações informais quanto na fala dos menos favorecidos. Segundo Bagno, em *Língua Eulália*, “a assimilação [...] é a força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes”. (2001, p. 77).

Como os demais fenômenos anteriormente citados, este também não existe somente no Brasil. Essa assimilação *-nd-* > *-nn-* > *-n-* não é exclusivamente nossa. Conforme Bagno:

Temos informações de que ela também é presente numa região de Portugal chamada Beira Alta e que pode ser encontrada em textos escritos no século XVI. Além disso, ela também agiu em outras línguas da família. Por exemplo, em alguns dos chamados dialetos italianos, e também no catalão, língua falada na região sudeste da Espanha chamada Catalunha, onde fica a cidade de Barcelona. Em catalão o latim *mandare* (que deu o nosso *mandar*) se transformou em *manar*. (2001, p. 78).

Existe, além desse, um outro tipo de assimilação que é mais raro e decorre nas consoantes M e B. Nesta, o indivíduo pronuncia *tamém* ao invés de *também*, e *mucado* ao invés de *bocado*. Esse acontecimento se dá porque as consoantes M e B são bilabiais, e para pronunciá-las é preciso movimentar os dois lábios. E assim decorre a assimilação, uma vez que a zona de articulação das consoantes M e B são as mesmas. (2001, p. 78).

A assimilação, de modo geral, é algo que existe desde a formação da língua portuguesa e prevalece até os dias de hoje. Sabe-se que a mesma continuará fazendo parte do uso da língua portuguesa.

2.8 - Fenômeno da contração das proparoxítonas em paroxítonas

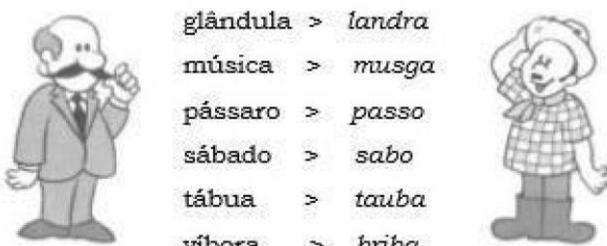
As proparoxítonas, a quais têm a antepenúltima sílaba como tônicas, não são muito frequentes na fala dos usuários do português não-padrão. No entanto, não significa que não seja falada, mas sim que podem ser reduzidas quando pronunciadas, transportando o acento tônico para a penúltima sílaba da palavra, a tornando paroxítona.

Devido a essa minimização, algumas palavras ficaram muito diferentes da forma original ou até mesmo adquiriram um novo significado, como *VÍBORA* (cobra venenosa) e *GLÂNDULA* (órgão que elabora certas substâncias em outras partes do organismo ou as elimina) que se tornaram *BRIBA* (*lagartixa caseira*) e *LANDRA* (*amídalas inflamadas*) em algumas regiões.

Para melhor compreensão, observemos o quadro abaixo:

Quadro 16

PORTUGUÊS PADRÃO		PORTUGUÊS NÃO-PADRÃO
árvore	>	arvre
córrego	>	corgo
cubículo	>	cuvico
fósforo	>	fósfro
glândula	>	landra
música	>	musga
pássaro	>	passo
sábado	>	sabo
tábua	>	tauba
víbora	>	briba



Fonte: Bagno – Língua de Eulália (2001, p. 107)

O quadro acima mostra como são faladas as palavras proparoxítonas no português padrão e como são pronunciadas no não-padrão. Nota-se que há uma redução na forma não padrão, e não seríamos capazes de reconhecê-la quando pronunciada se não houvesse o quadro para demonstrar a forma da palavra no português padrão.

2.9 – Arcaísmo

Arcaísmo é o fenômeno em que acontece a inclusão de um fonema no início da palavra. É diagnosticado na língua como uma velha herança, como diz Bagno, “tem a ver com arcaico, e ‘arcaico’ quer dizer ‘velho’”. (2001, p. 120). Este fenômeno decorre bastante nos verbos “lembrar, lumiar, voar”, que são pronunciados *alembrar, alumiar, avoar*, acrescentando a vogal “a” no início da palavra.

Este prefixo “a” no início de alguns verbos é muito presente nos falares rurais, regionais e não-padrão e não devem ser motivos para gozações. São termos que têm essa decorrência justificada no fato de serem influenciados por outras línguas e serem utilizados na norma literatura clássica, cujo uso atualmente está “fora de moda”.

Na época em que os portugueses chegaram ao Brasil, o jeito que eles falavam era nenhum pouco parecido com o que falamos hoje. Isso porque a língua foi evoluindo e se modificando com o passar do tempo. Este processo de transformação sofrido na língua ao decorrer dos séculos se chama “metaplasmo”, e é caracterizado como os fenômenos linguísticos presentes na nossa língua até os dias de hoje.

Logo, a língua portuguesa brasileira foi formada com resquícios das línguas europeia, e até recentemente procuravam seguir as normas padrão da língua de Portugal. Contudo, devido a essa evolução na língua os aspectos linguísticos herdados dos portugueses foram abandonados, conservando-se tal variedade apenas no português não-padrão.

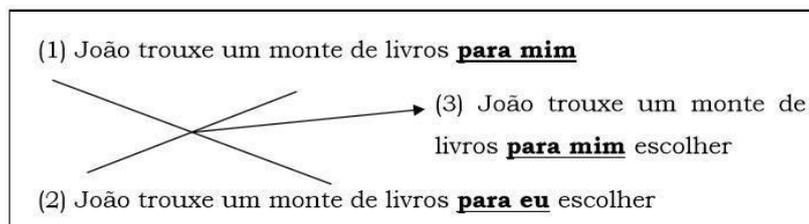
2.2.1 – Uso do pronome MIM como sujeito de infinitivos

Provavelmente você já falou ou já ouviu alguém dizer “pra mim ir” ao se expressar. Esse uso do pronome oblíquo “mim” precedido da preposição “para” ainda não é muito bem aceito, embora muitas pessoas façam uso dele diariamente. Por mais que o pronome sujeito de primeira pessoa seja “eu”, o pronome oblíquo “mim” já estagnou-se como sujeito do infinitivo, sempre que precedido da preposição “para”.

Essa expressão tornou-se tão comum, que “para eu fazer” soa estranho aos ouvidos de quem ouve. Assim, nota-se que atualmente esta forma está em desuso, pois essa mesma construção foi deixada de lado mesmo no século anterior, para as pessoas ditas cultas. A despeito disso, Bagno fala que:

[...] parece que o número de falantes cultos que usam essa construção está aumentando. No mês passado mesmo, estive em São Paulo e percebi três ocorrências dessa construção na fala de pessoas que entrariam na classificação de falantes cultos: uma jornalista, um administrador de empresas e um médico. (2001, p. 180).

Percebe-se com isso que este fenômeno está cada vez mais presente na fala dos brasileiros, mesmo na fala dos mais cultos, se tornando-se algo bastante comum. Numa outra explicação sobre essa ocorrência, Bagno esclarece que ela se dá na tentativa do falante em transformar duas frases em uma só, isto é, dar uma enxugada na hora de pronunciar, obtendo assim uma terceira frase que contenha as duas anteriores numa só. Veja no quadro abaixo:



Fonte: Bagno – Língua de Eulália (2001, p. 182).

No quadro é possível observar que a junção da frase (1) e frase (2) resultou em “João trouxe um monte de livros para mim, para eu escolher” que seria o jeito do falante pronunciar. No entanto, levando em consideração o hábito dos usuários do português não-padrão em “economizar” falas, acaba ocorrendo um enxugamento na pronúncia, o que ocasionou a frase (3). Essa tentativa de resumir o que se quer dizer em uma só expressão é denominada *braquilogia*. (2001, p. 182). Isto é, empregar uma expressão menor em vez de outra maior.

2.2.2 - Aférese, Síncope, Apócope

Aférese, síncope e apócope são fenômenos de supressão, caracterizados por suprimir o fonema no início, meio ou final de uma palavra. Qualquer falante da língua popular está sujeito à esse acontecimento, principalmente em situações informais.

A aférese refere-se a supressão que ocorre no começo da palavra. É frequente nos vocábulos: *José, ainda, você...* que ao sofrerem esta ocorrência tornam-se *Zé, inda, cê*.

A síncope trata-se da supressão incidida no meio do vocábulo, como nas palavras também, bêbado, negro... que ao passarem por esta transformação se tornam *tamém*, *bebo*, *nego* na forma expressada por alguns falantes.

Por fim, a apócope é tida como o fenômeno em que se suprime o fonema no final da palavra, como em: *bobagem*, *saber*, *escrever* que passam a ser pronunciadas *bobage*, *sabê*, *escrevê* depois dessa decorrência.

A esta última, Bagno em *Língua de Eulália*, refere-se como “desnasalização das vogais postônicas”. E por ser a nossa língua influenciada pelo latim, o linguista nos mostra que há muitos vestígios do mesmo na nossa fala. (2001, p. 115).

E é devido a isso que:

Até hoje dizemos *abdominal*, *betuminoso*, *examinar*, *luminária*, *nominal*, com aquele mesmo N que se perdeu nos substantivos. E algumas destas palavras conservaram uma dupla grafia possível: *abdome/abdômen*, *certame/certâmen*, *cerume/cerúmen*, *germe/gérmen*, *regime/regímen*, *velame/velâmen*... (2001, p. 116).

No entanto, essa forma das palavras com N no final não é mais tão utilizada, tanto na língua oral quanto na escrita. Isso se dá porque, ao que parece, na língua portuguesa há a tendência de suprimir a nasalidade das vogais postônicas. Isto é, evitar falar as palavras que contenham som nasal nas vogais que vem depois da sílaba tônica. (2001, p. 116). Este fenômeno ocorre, como já mencionado acima, em vocábulos com desinência em –agem como também em viagem (*viage*) e garagem (*garage*).

Estes três fenômenos estão muito presentes também em conversas por mensagens de textos via celular e computador por meio da *internet*. Nota-se que hoje em dia já se tornou muito evidente essa defluência, pois viralizou tornando-se algo bastante comum principalmente entre os adolescentes, contribuindo para que permanecessem na língua popular e coloquial até os dias de hoje.

2.2.3 - Alteração de “V” para “B”

Este processo trata-se da oscilação na pronúncia da consoante “V” para “B” em diversas palavras na fala popular brasileira. Por se tratar de dois fonemas diferentes, mas com a pronúncia semelhante, é possível que aconteça do falante pronunciar o “V” no lugar de “B” ou vice-versa.

Consideramos útil acentuar que essa variação ocorre devido a fatores socioculturais, fazendo com que até mesmo as grafias de algumas palavras sofram modificações e estorvem o pronunciamento oral.

Essa alternância ocorre em palavras como *vassoura*, *varrer*, *verruca*, *travesseiro*, que ao sofrerem esta alteração, passam a serem faladas como *bassora*, *barrer*, *berruga* e *trabissero* na fala popular brasileira. Sabe-se que esta variação já existia no latim e que ao sofrer influência do mesmo, a língua portuguesa acabou por herdar algumas analogias. Com isso, Huber em seu livro *Gramática do português antigo* diz que o “B” passou a ser “V” entre vogais, como em *móbile* > *movil*, que significam hoje “móvel”. (1933, p. 102).

3.0 – HISTÓRIA DE VIDA DOS MORADORES DO POVOADO OLHO D’ÁGUA DA LAPA

O povoado Olho D’Água da Lapa está localizado à aproximadamente cinquenta quilômetros de Posse – Goiás pela BR-020, adentrando para mais nove quilômetros de estrada de chão. Segundo os moradores do povoado, nesta comunidade residem por volta de cento e cinquenta habitantes desde 1940. No entanto, de acordo com a estimativa do último censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é um povoado com cerca de 230 habitantes, divididos em aproximadamente 80 domicílios.

Conforme o IBGE, o povoado foi formado basicamente por descendentes de escravos, que na época do Brasil colonial, fugiram dos grandes latifúndios e corriam por quilômetros Brasil a dentro, até encontrarem um local que julgassem seguros para se esconder. Como ali era cercado de serras forradas com a mata nativa, além de ter bastante água para garantir sua sobrevivência, os escravos foram se agrupando e desenvolvendo uma estrutura no local. Com o avanço das cidades e da política, essa concentração de pessoas formou então o povoado chamado Olho d’água da Lapa.

Sua vegetação é típica da região centro-oeste, com cerrado predominante. O local conta com a passagem de vários córregos afluentes principalmente do Rio Prata, por esse motivo se deu o nome do povoado: por conter várias nascentes e córregos.

Segundo os moradores que atualmente ali residem, os quais são de nacionalidade brasileira, aspecto e condição social humilde, por meados de mil novecentos e sessenta ainda não havia estradas, apenas matos e os “carreiros” (nome chamado por eles). Contudo, os mesmos afirmam que o acesso existente hoje foi construído por eles próprios, isto é, os caminhos que permitem acesso da cidade ao povoado ou vice-versa.

Não pudemos deixar de observar que a condição das casas dos moradores é de aparência humilde e que desde o início foram construídas à base de adobo (barro). Os moradores testificam que, nos últimos anos, a Fundação Nacional de Saúde (órgão executivo do Ministério da Saúde), que é uma instituição pertencente ao Governo Federal e tem finalidade de promover a inclusão social por meio de ações de saneamento, foi quem construiu casas para as famílias.

Os moradores residentes no povoado sempre passaram por muitas dificuldades, desde o difícil acesso à cidade mais próxima até a questão de sobrevivência. De acordo com os habitantes dali, o meio de transporte utilizado na época eram cavalos e as pessoas que não possuíam meios de condução se deslocavam do povoado para a cidade a pé. Elas levavam dois dias ou mais para chegar até o destino almejado, pousando em casa de pessoas desconhecidas para descanso.

Diante dos fatos, entende-se que foram muitas as dificuldades encontradas. Eles sobreviviam do próprio suor e cuidavam de animais como bodes, cavalos, galinhas, vacas, entre outros. Trabalhavam para eles mesmos, roçando, plantando feijão e algumas vezes comercializavam madeiras. No entanto, a renda obtida era proveniente, na maioria das vezes, apenas da venda de madeiras.

Conforme os moradores do povoado, devido à falta de fertilidade da terra, atualmente não produzem feijão. Sendo assim, alguns moradores trabalham nas cidades vizinhas. Mas o que prevalece, segundo o levantamento de 2010 do IGBE, é que hoje em dia a economia no povoado gira em torno, principalmente, da agropecuária, com a criação de rebanhos de gado bovino de maneira extensiva, isto é, com os animais distribuídos em pastos maiores.

A maioria dos residentes ali possuem a faixa etária de cinquenta a setenta e cinco anos e viveram em uma época em que não desfrutaram de um ensino de qualidade. Além disso, não eram todos que tinham meios de transportes que possibilitava a locomoção para comunidades vizinhas, o que também dificultava a comunicação com outras pessoas e o acesso à língua padrão.

O índice de analfabetismo encontrado no referido povoado é alto. De forma que pudemos perceber que a maioria das pessoas ali não tiveram acesso à escola e, por este motivo, não podem escrever ou ler com precisão. Em consequência disto, as crianças pertencentes à essas famílias são afetadas pelo baixo nível escolar, sendo os recursos educacionais disponíveis em casa não tão eficazes quanto aos que são fornecidos nas escolas.

Assim, essas crianças tornam-se portadoras de um número maior de dificuldade em aprender a língua padrão, que é considerada pela maioria das pessoas “a correta”, correndo o risco de serem excluídas socialmente por não estarem preparadas para o que é priorizado atualmente. Segundo Cagliari em *Alfabetização & Linguística*:

[...] a sociedade atribui valores sociais diferentes aos diferentes modos de falar a língua e [...] esses valores, embora se baseiem em preconceitos e falsas interpretações do certo e do errado linguísticos, têm consequências econômicas, políticas e sociais muito sérias para as pessoas. (1996, p.83).

Percebe-se com facilidade que os falantes que moram no povoado são portadores de variações linguísticas. Esta diversidade influencia no falar da zona urbana e no falar da zona rural e estes sofrem influências um sobre o outro, isto é, o falar urbano é afetado pelo falar rural e o falar rural pelo falar urbano, causando mudança em seu contexto natural. No entanto, não é um processo imediato.

O povoado possui apenas uma escola de ensino fundamental e um pequeno posto de saúde para o atendimento dos moradores. A Escola Fazenda Olho D'Água, inicialmente, acolhia cerca de sessenta alunos. Porém houve remanejamento de estudantes para o povoado Boa Vista, diminuindo o fluxo da escola para aproximadamente quarenta alunos. A infraestrutura do local contém dois pavilhões, portando no primeiro uma sala de aula, cantina e dispensa e no segundo, dois banheiros e outra sala de aula.

Com o intuito se de comunicar, cada indivíduo faz o uso do código linguístico, como bem julga apropriado, através da fala, que é um ato individual reproduzido por membros de

uma determinada comunidade. Sendo uma característica que nos difere dos demais seres, a linguagem é uma proeza que nos permite a oportunidade de expressar emoções e intenções possibilitando a exposição de conhecimentos e opiniões em relação ao nosso cotidiano, e ainda promover nossa inserção no convívio social.

3.1 - A diversidade linguística presente no povoado Olho D'água da Lapa

Nesta parte dispor-nos-emos de seis (06) entrevistas realizadas oralmente com os moradores do povoado Olho D'Água da Lapa e gravados por meio de um aplicativo do celular, de acordo com a permissão dos envolvidos.

Os falantes serão identificados conforme a primeira letra do seu nome.

Entrevista 1 – M.

Entrevistadora 1 – Bom dia, tudo bem com a senhora? Nós recebemos informações de que a senhora sabe nos contar algumas coisas sobre este povoado. A senhora gostaria de conversar um pouco conosco?

Entrevistada 1 – Se eu sei **contá**?

Entrevistadora 1 – Sim, a senhora sabe? (risos)

Entrevistada 1 – (risos). Não.

Entrevistadora 1 – É que nós estamos fazendo uma pesquisa da faculdade, achamos aqui interessante e gostaríamos de saber da história.

Entrevistada 1 – Eu **num** sei de **história** não.

Entrevistadora 2 – A senhora foi criada aqui, não é?

Entrevistada 1 – Foi.

Entrevistadora 2 – A senhora sabe contar alguma coisa da infância da senhora ou como a senhora foi criada?

Entrevistadora 1 – Como foi a convivência da senhora aqui?

Entrevistada 1 – A convivência?

Entrevistadora 1 – Sim!

Entrevistada 1 – A convivência minha aqui foi boa, **né?** Que eu nasci e criei aqui. Agora os pais da gente **morava** aqui.

Entrevistadora 1 – Eles foram as primeiras pessoas a morar aqui?

Entrevistada 1 – Das primêras pessoas?

Entrevistadora 1 – Sim.

Entrevistada 1 – Não, das primêras pessoas que **morou** aqui... eu acho que já foi meu bisavô. Entrevistadora 2 – Aqui tem quantos anos, mais ou menos?

Entrevistada 1 – Eu num sei não... tem muitos **anus** isso... mas das **primêras** pessoas que **moraro** aqui **foi** meu bisavô. Eles **vei** da Bahia. Era muito mato, **minina**...

Entrevistadora 1 – Já existia escola nesta época?

Entrevistada 1 – Não... tinha iscola não... até no meu tempo não tinha **iscola**, é por isso **mermo** que eu nem **assiná** meu nome eu sei.

Entrevistadora 1 – Então tem pouco tempo que foi aberta a escola aqui?

Entrevistada 1 – A iscola... a iscola já tem.. ela já tem **quais** uns trinta **ano**.

Entrevistadora 1 – Aqui é grande? Muitas pessoas moram aqui?

Entrevistada 1 – As pessoa aqui é **poca**, **né** muito não...

Entrevistadora 2 – Vocês vão à cidade com muita frequência?

Entrevistada 1 – A cidade tem uns que **vai** a cavalo, **otos vai** de moto, **né?** **Otos vai** de carro... Entrevistadora 1 – Hoje em dia está mais fácil para sair?

Entrevistada 1 – É, tá mais fácil que de **primêro**, de **primêro** era a pé e a **istrada tá** **passano** já...

Entrevistadora 1 – A senhora sabe de alguém que pode nos informar mais alguma coisa?

Entrevistada 1 – Aqui também tem Déia ali na frente... **ceis** toparam com ela no **coléjo**, não foi?

Entrevistadora 1 – Sim. Então é isso mesmo! Obrigada!

Entrevistada 1 – Brigada ocê tamém.

Entrevista 2 – O. e J.

Entrevistadora 1 – Bom dia! O senhor sabe nos contar alguma coisa sobre este povoado? Entrevistadora 2 – É porque nós queremos saber da história, e como o senhor nasceu aqui, o senhor pode nos informar um pouco da história?

Entrevistado 1 – Não! Moro... que eu morei aqui... eu fui nascido e criado aqui. **Tô** com cinquenta e **trêz anu**.

Entrevistadora 1 – O que o senhor pode nos contar sobre o tempo passado?

Entrevistado 2 – É a **merma história** do meu irmão aí.

Entrevistadora 2 – Nós interessamos em vir aqui porque ficamos sabendo que aqui foi formado por quilombos. Os quilombos vieram para cá primeiro, para depois surgir o povoado...

Entrevistado 1 – Ah sim, eu sei.

Entrevistadora 1 – Isso é verídico?

Entrevistado 1 – Não, é verdade **purque** um cara aqui, **pegô** um direito de terra... do **mermão** e **comprô**...

Entrevistado 2 – Né isso aí não...

Entrevistado 1 – Aí... É, moço. É isto aí que elas **tão falano** aí **pegô** e **comprô** na mão do meu irmão e aí agora ele **pegô** e **quiria vendê** com **nóis** tudo aqui **dento, dento** da **ara** nossa. Deixa, eu **moss**, eu sei. É isso **mesmu** que elas **qué**. Aí **pegô** e **quiria comprá** tudo. Aí **quiria comprá, quiria pegá** nossa terra **tudin**... só pelo **oto** que vendeu **pra** ele, e aí **nóis** foi... se fendeu i falô “não, aqui não. **Nóis tamo ness... samo herdêro**, uai. **Os irimão vendi** e **nóis**

não **teim direitchu?**”. Aí ele **mermu teim binifícios** se for dele. Por acaso for dele, **num deixá** eu **fazê binifício dentu** da ara. **Qué vê, rumbora umbora lá pro ceis vê. Teim** banana plantada, **teim tudo lá dento. É... teim teim pasto, teim unzoito alquêre fromado de** **pasto, teim teim roça lá, mi sêim quebrá, teim u pasto, teim tudo lá dento.**

Entrevistadora 2 – O senhor mora aqui desde quando?

Entrevistado 1 – É, **iiiiih derde** meu pai, fui nascido e criado, eu saí assim **pá trabaia pá** um e **oto, né? Mais** eu moro aqui, nunca saí... saí assim **puque é... pá gente vivê** a gente **teim** que saí pelo mundo **pá trabaia**. Aí vai... a **puliça** federal **roncô** ele daqui de **dento**, eu fui... liguei **pros omi, uz omi rancô** ele naquela **quebradêra** ali ó. **Tá com deiz anu , tá com deiz anu ,** abril **tá com quinzi anu** que **nóis** mora aqui **dento** e ele **quereno grilá** nossa terra tudo **pra** ele. E aí agora com **deiz anu** que ele ... **ar puliça** da federal **roncô** ele daqui de **dento**. Até **onti** ele **num andô mair dento** dessa ara. Aí eu fui... **duns dez anu pá cá fu mandado** do **tribunal pá mim trabaia dento** da ara que é meu... aí eu **tô trabaiano** pelo **mandado** de lá. Aí eu **rumí tudin, rumí** os **binifícios, mandarú lá plá cá puquê** a terra é nossa, foi nossa... ele **num teim documento, é os documento dá ara... tá** lá em casa os documento... Aí **u juiz, nós** mexeu, o juiz foi e pediu assim ó... olha, o juiz pediu **nóis** assim, no **mei** dele, assim ó: “**ieu** quero... **ceis tá brigano** pela ara toda... **ce té** com os **documento da ara?** É os **documento** geral... a **iscritura** geral. **Ieu** quero é a **iscritura** de Posse”. E ele foi **i levantô** na hora... **i** eu... o juiz na hora **oscaridô** aí. Aí eu **teim** a **iscritura** de Posse, **teim** tudo, **teim** **iscritura** geral e os documento de Posse.

Entrevistadora 1 – Eles queriam passar a perna?

Entrevistado 1 – É... eles **quereno** passar a perna **pra cumê** tudo. Fooi... Aí **nitremeteu** um **pistolêro, mracôgrosso pá mi matá. Tá** tudo lá no **tribunal**, eu estive lá **naindento** com **inspingarda cartuchêra fulobé pá mi matá. Aí eu... u oficial** de justiça, a **puliça** da federal **vei i tomô** tudo, foi tudo **pro** quartel de **Porse... do quartel de Porse, tá** lá **in tribunal** em Goiânia. **Tá** tudo lá.

Entrevistadora 2 – O pai do senhor é de que ano?

Entrevistado 1 – Moss, eu **num** sei... eu **teim** a identidade **vêa**, antiga dele, **tá** lá em casa.

Entrevistadora 2 – O senhor é de que ano?

Entrevistado 1 – Moss... (risos) aí os **anu** eu **num** sei não (risos)...

Entrevistado 2 – Você **num** sabe **dizê** sua era não?

Entrevistado 1 – Ieu **num** sei não... eu **sô** de sessenta e... **sô** de sessenta (risos)... **falá** a verdade **num** sei não...

Entrevistado 2 – I ele ... i ele é de sessenta **ium**.

Entrevistadora 2 – Ah, ele é de sessenta e um! Vocês são irmãos?

Entrevistado 1 – Somu irmão (risos)... é...

Entrevistadora 1 – E o senhor tem a mesma história?

Entrevistador 2 – É a merma historinha...

Entrevistadora 1 – É o mesmo sofrimento?

Entrevistado 2 – É... é **purquê**... **qué** que eu conto alguma coisa...?

Entrevistadora 2 – Sim! Pode contar!

Entrevistado 2 – **Vô** **falá** só **sôbe** a **aria**. **Nóis** **somu** **nascido** e **criado** aqui... **entaum** o **pobrema**... **nóis** **somu** **nascidu**, é... **nascido** e **criado** aqui **dento**... **cê** **vê** como é que **tá** aí, pé de manga aí ó... **nóis** **morava** ali, **passêmo** do **mei** **pra** cá de novo... **nóis** **morava** ali, **passêmo** **pra** lá... **nóis** **morava** lá **dento** daquela **ara**, **saímo**, **vimo** **praculá**. **Dipois** **vimo** **pracá** e **pralá** e **pracá**, e a **ara** aqui é nossa. **Intaum** aquele **Vitoriano**, **n'sei** se **cêis** viu **dizê**... **Votoriano** foi **i** **pegô** **i** vendeu a terra nossa... é, o **Votoriano** ele **imbirrô** **i** **imbirrô** **pá** **vendê** a terra logo, **pá** **nóis** **vendê** **pá** ele . Aí eu falei “**não**” **i** ele **tá**... **i** ele **tá** **pro** **Pará**, **i** ele ... Aí **tarra** **sozin** na... **i** **Vitoriano** **imbirrô** **i** eu falei “**nãm**, **num** **vô** **vendê** **não**”. Aí eu o **quê** que ele **feiz**: ele **pegô** o irmão de ... **pegô** meu irmão **i** **levô** lá no **cartóro** **in** **Aciara** **i** **comprô** a **partda** terra do meu irmão. O Raul. Aí vendeu a **partdu** meu irmão.

Entrevistadora 1 – Esse daí que é o R?

Entrevistado 2 – Ele **comprô**... é o **oto**.

Entrevistadora 1 – Ah, não. O senhor é o O.

Entrevistado 2 – Aí pensô que não, aí ele pensô que não, O V, comprô a terra dele. Quando eu fui e fa... “**Doutô, sea sinhô já comprô mermu?** Agora ne vamo í i vende a terra pro **sinhô, nós** todos. Aí eu **vô falá** com meu irmão, **nóis vamo í nós** tudo, **nóis samo deis**”. I ele lá “**não, compru não**”. Falei “**ué, mais u sinhô comprô do oto**”. Aí ele **ficô futucano, i futucano**. Aí **u quê** que ele **falô pra** mim: “**ieu vô vendê pru Grociu, eu queru vê se uceis peitchar** com ele”. Pronto. Aí **pensô** que não **vêi essi** brigão **doidcho** aí, ó. Aí, o **G** foi e **nóis chamemo**...

Entrevistado 1 – Só que ele vendeu **num** foi tudo, **êli** vendeu só **u direitcho** dele. **Tá marcado** na **iscritura**.

Entrevistado 2 – É. Só o **direitcho**.

Entrevistado 1 – Aí eu fui lá **tirá** pela cópia na **iscritura tá** marcado “**A. F. de M. vendeu um direitcho** de terra por... **três milhões pá pá, três milhões pá J. B. casadu i soltêro**” ó a mão rodada dele: **casado, soltêro i qué robá dinhêro. Tá** marcado lá no papel, é só lê na **iscritura tá** marcado sim. Eu **num** sei a **litura mais** eu escutei **êli leno**, aí eu **tendi muitassunto**, aí sim. “**Juão... Raul Ferrêra de Môra vendeu um direitcho ni furna, pá Juão Batista casado soltêro, devôgado.**” **Tá** é assim. Com **três milões... mintira, mintira** deles. **Tá marcado, tá** tudo lá, o papel **tá** lá **cumigo**. **Tá** tudo lá marcado. **Ô ô ô Jão, c qué í lá buscá pa** mim? Pega os de...

pega lá a pasta... **Tá numa** pasta ma... **Pegá lá pro cê vê**.

Entrevistadora 1 – Não, precisa preocupar não...

Entrevistadora 1 – E no momento a briga está parada? (risos).

Entrevistado 1 – Agora **tá** parado **puquê nós midimo**...

Entrevistadora 1 – Já pegaram o rapaz que comprou?

Entrevistado 1 – É? Não... o rapaz **quê comprô**... o que ele **comprô** já... o que **êli**, o que **êli**, o Geraldo lá já **pegô** o **dereito** dele e vendeu tudo. Já vendeu **i** agora **êli qué** to... **êli** qué é a nossa de vorta. **Nóis num teim** terra **pá nós vendê, nós teim** terra **pá nós trabaiá pra nós** com **ê** o pão de cada dia.

Entrevistado 2 – **Nóis ficô inpatado, Nós ficô inpatado** com **êli** aí...

Entrevistado 1 – Êli neim teim animal... Êli num podi nem kiá um animal... Adondi eu moro eu teim lá um quadin, a muler mora lá no quadin, num teim nem adonde que êli põe os animal. Quê nem eu tem lá os pastu lá, lá num tem água a redó, mar eu toco os animal pá lá, vai e volta, vai e volta pá dá água aqui... Mar tá lá a pastaria minha lá dentu, se fôssi dele êli num ia acertchá (aceitar) eu fazê. **Entrevistado 2** – É, num tinha como.

Entrevistado 1 – É desse tipo o trem tudin. É, sofrido. êli premeteu o pistolêro do Mato Goss pa mim matá tudo... Tá tudo lá no trubunal, tá tudin. É, uai. Aí o juis pidiu “podi é... eu qué é...”. Ficô u devogado, o devogado nossu é mêi simpi, ou (eu) quiria vê que neim veid’lá os papel, tá ali cumigo lá do trubunal, eu quiria vê era assim: é, é quandu Geraldo Grossa chegasse com os documento, i êli pidí os documento todo de furna êli tá com documento é de Suçarana, cás puliça federal chamô êli aí pelos documento, êli tá com os documento de Suçarana, i tem só o direito lá, o Ferrêra Môra que vendeu pra êli . I êli tá com os documento daqui da terra é, é ascrutura da Suçarana, cu as puliça federal somô êli e, e foi lê o miserento dele, aí cunvidô êli tê fi, i êli falô que u fi tarra apertado, que num podia vim aqui. Foi assim... Que nós somu nascido e criado aqui, pá ondi noir vai? Num tem como prondi noir vai. Ôtão pá nós í praqui, ou’ntão vai lá pro sumitériu, puquê num tem p’ondi nós vai, uai. É, uai. Num tem como.

Entrevista 3 – M. e F.

Entrevistadora 1 – Bom dia! Estamos fazendo um trabalho lá da faculdade sobre a história aqui do Olho D’Água, aí a gente gostaria de saber se o senhor sabe nos contar alguma coisa? O senhor mora aqui desde o início?

Entrevistado 1 – Moro.

Entrevistadora 1 – Sabe contar como que era aqui no início?

Entrevistado 1 – Que história é?

Entrevistadora 1 – Do lugar, como que foi criado, os primeiros moradores...

Entrevistadora 2 – Foi por famílias mesmo ou veio pessoas de fora?

Entrevistado 1 – Aham... não, aqui foi de família mesmo.

Entrevistadora 1 – Tem tempo que o senhor mora aqui? Desde criança? O senhor nasceu aqui?

Entrevistado 1 – Tem **tempu**. **Faiz tempu** que eu moro aqui. Eu nasci aqui.

Entrevistadora 1 – E os pais do senhor?

Entrevistado 1 – **Tamém**.

Entrevistadora 1 – Vocês foram dos primeiros moradores aqui?

Entrevistado 1 – Não, tem mais **otos** que **foi primêro**.

Entrevistadora 1 – E as dificuldades? Foram muitas? Porque dificuldades sempre tem...

Entrevistada 1 – É, sempre tem. Só que eu **num** sei **neim contá** essas **coisa** assim. (risos) Só que eu **num** sei **neim falá** (risos).

Entrevistada 1 e 2 – Dona F., bom dia!

Entrevistada 2 – Bom dia!

Entrevistadora 1 – Nós estávamos falando com o esposo da senhora sobre a história aqui do povoado Olho D'Água da Lapa. A senhora poderia nos falar alguma coisa? **Entrevistada 2** – **Num** sei (risos). Eu **num alembro mar** não.

Entrevistada 2 (para jovem que estava com ela) – (risos) Sabe de **arguma** coisa? **Num** sei **neim** do que eu já falei... **êli contô**?

Entrevistadora 1 – (risos) ele não soube contar.

Entrevistado 1 – Eu **num** sei...

Entrevistadora 2 – Então nos conte sobre alguma coisa que aconteceu aqui...

Entrevistada 2 – **Sabi** nada.

Entrevistado 1 – **Cê** mora é em Alvorada, é?

Entrevistadora 1 – É.

Entrevistadora 2 – Como vocês sobrevivem aqui?

Entrevistado 1 – É, de **plantá...** hoje já **num planta** mais, **purque** as **terra tá cansada...**
Num teim ondi plantá mais...

Entrevistadora 1 – Qual meio de transporte que vocês utilizavam aqui antes?

Entrevistada 2 – Á pé.

Entrevistado 1 – **Nóis ia** até **pra** Simolândia de **apé**. Já aconteceu **da** gente **í** até **na** Posse de **apé**. Só que ia na **istada pûr dento**.

Entrevistadora 1 – Quanto tempo o senhor gastava?

Entrevistado 1 – Daqui **nAlvorada ieu** nunca fui a pé não...

Entrevistadora 1 – Mas alguém já foi?

Entrevistado 1 – **Teim, teim** quem foi. A **muié** minha já foi, **té perto** do **ri**. Ela **mermu** já foi.

Entrevistada 2 – **Quais chorô** mais eu **na'istada...** **nóis durmia** no **mei** da **istada**, **nas casa** dos **povu** lá. Aí **nóis dumia**, no **otru** dia **nóis rapava a pé**.

Entrevistado 1 – Agora **n'Alvorada** é uns seis dias a pé. Naquele **tempu num tiã** Simolândia não, só Alvorada.

Entrevistadora 2 – Tem quanto tempo que vocês moram aqui? Vocês nasceram aqui? A senhora tem que idade?

Entrevistada 2 – **Unsessenta e poco anu...** só que eu **num** nasci **aqui'nda** não...

Entrevistadora 1 – O senhor nasceu no Olho D'Água, só não foi aqui?

Entrevistado 1 – É, aqui **mermu**, é.

Entrevistadora 2 – Esse povoado tem mais ou menos uns oitenta anos?

Entrevistada 2 – **Derre tê** mais, **dos tempu q'é iss, né véio?**

Entrevistado 1 – **Puvuado** aqui? **Num** sei não...

Entrevistadora 2 – Sabem de alguma história que seus avós contavam?

Entrevistada 2 – Até que **sabi...** mas... **num prendeu** nada não...

Entrevistadora 2 – A senhora chegou a ir na escola?

Entrevistada 2 – Ah, eu fui na **iscola, mar num** aprendi nada não...

Entrevistadora 2 – Essa escola aqui é nova? Antes disso vocês não saíam para fora para estudar?

Entrevistada 2 – Saía não. Só aqui mesmo...

Entrevistadora 1 – Mas também não tinha como, não é?

Entrevistada 2 – É, **num** tinha como.

Entrevistadora 2 – Ah, então ele é filho único?

Entrevistada 2 – **Mais tá** no Nova Vista, **istuda** lá.

Entrevistadora 1 – Você tem quantos **anus**?

Entrevistado 3 – **Quizi.**

Entrevistadora 1 – Mas assim... das histórias que os pais da senhora contavam...

Entrevistada 2 – Ôh **moss**, eu **num** sei **contá, num... nós falava** “**conta historas pa gente**”, **naquel’epoca...**

Entrevistadora 2 – E o senhor não lembra, não?

Entrevistada 2 – **Êli conheci sim**, ele que **num qué falá!**

Entrevistado 1 – **Conheçu** não... essas **coisa** a gente esquece **mermu.**

Entrevistadora 1 – Aqui já teve alguma briga por causa de terra?

Entrevistado 1 – **Por’causa** de terra? **Antigamenti** aqueles mais **véi...** Sempre **brigava.**

Entrevistado 1 – Agora **parô.**

Entrevistadora 1 – Então, tá! Obrigada!

Entrevista 4 - I.

Entrevistadora 2 - Bom dia! A senhora sempre morou aqui?

Entrevistada 1 – Não, eu.. eu.. **num sô** daqui, mas morei aqui uma **epuca** depois mudei **pra** Simolândia, ai **votei cumprei** essa terrinha aqui, **tamo** morando aqui.

Entrevistadora 1 - Onde a senhora morava?

Entrevistada 1 – Antes morava **in São Juse**.

Entrevistadora 2 - Onde é localizado?

Entrevistada 1 – É aí **imbaxo, pra baxo** da entrada daqui, **terminano** a laderona.

Entrevistadora 1 - E quando a senhora retornou para cá foi por qual motivo?

Entrevistada 1 – Não, eu votei **pra cá** de **vota in** dos mil e sete. Eu **quis vim praqui pra** **ficá** perto dos gado, **puque** a gente morava **longi** e quando vinha, sabe? O gado já tinha **aduidido**, uma vaca já tinha **paridu**, um **bichu** já tinha **comidu bizerro** ou já tinha dado **bixera, intão** eu **vim pra cá** por causa disso. **Pra tá** criando **as coisa** de **pertu**. Uai, esse **pessual** daqui eu **cunheço, primêro** eu morei aqui. Na **epuca qui** eu **trabaiava** aqui, **trabaiava** de agente de saúde, ai quando eu **trabaiei** de **agente saude** ai **agente** fazia o cadastramento das **pessoa**. Ai então aqui tinha 80 **casa**, mais ai o quê que aconteceu? **Mudô** muita gente, muitos **morreru**.

Então agora eu **num** sei como **ta** o andamento.

Entrevista 5 - E.

Entrevistadora 2 – Bom dia, com quem você mora aqui?

Entrevistada 1 – **Mar** mãe.

Entrevistadora 1 - O que você sabe nos contar sobre o lugar?

Entrevistada 1 – Ah, eu **num** sei de nada daqui não.

Entrevistadora 2 – Você sempre morou aqui neste povoado?

Entrevistada 1 – Sim, eu nasci aqui.

Entrevistadora 2 – Você estuda?

Entrevistada 1 – Sim, eu **istudo la in Possi, to no sigunto anus.**

Entrevistadora 2 – Onde sua mãe está?

Entrevistada 1 – **Ta no coléjo, ela trabaia la de merendera.**

Entrevistadora 2 – Ela é concursada ou é contrato?

Entrevistada 1 – **É contato.**

Entrevistadora 2 – Onde fica o colégio?

Entrevistada 1 – **Ali pa cima.**

Entrevistadora 2 – Você sempre gostou de morar aqui?

Entrevistada 1 – As **veis** é bom, as **veis** ruim. Aqui é **difici pa istuda, nóis** sai daqui **treis** hora e chega **mea noiti. Nóis** pega **dois oimbi pra chegá** lá.

Entrevista 6 - L., I., C., O.

Entrevistadora 1- Bom dia, qual que é o nome de vocês?

Entrevistada 1 - O meu é L.

Entrevistada 1 – O dela é I.

Entrevistado 3 - C.

Entrevistado 2 – O.

Entrevistadora 1: Vocês são uma família mesmo? Mãe, pai e filho?

Entrevistado 2 – Não, esse daqui é meu **fi** ó.

Entrevistada 1 - Essa daqui é minha neta.

Entrevistadora 1 - Vocês sempre moraram aqui no povoado? Desde pequenos?

Entrevistada 1 - **É, nóis mora** aqui.

Entrevistadora 1 - Desde pequenos?

Entrevistada 2 - Eu **merm** não, eu **vim pa ca** já **fui** casada já.

Entrevistadora 1 - A senhora veio de onde?

Entrevistada 1 - Da **cacheoera**.

Entrevistadora 1 - E o que fez a senhora mudar para cá?

Entrevistada 1 - **Fais** é tempo que **nóis mudô pa cá**, assim que **nos casô** lá não tinha terra, **nóis mudô pra** Caiçara, **dispois nóis mudô praqui**. Entrevistadora 1 – Ah! Tem a Caiçara mais para dentro!

Entrevistada 1 - É mais **pa cá**. É a **iscola ta pa cá**... quando chegá **nonde** é que tem um **monti** de água assim aí pode **virá**.

Entrevistadora 1 - E vocês estudam aqui ou em Posse?

Entrevistado 2 - Esse aqui? Não, esse aqui **istuda** no Paraíso.

Entrevistadora 1 - E você?

Entrevistada 3 - Nova Vista.

Entrevistadora 1 - Mas vocês estudaram aqui alguma vez?

Entrevistada 1 - **Istudô**.

Entrevistadora 2 - Aí depois que estuda fora...

Entrevistado 2 - Eu **to morano** numa casa **acula sabi**, é **puque to** de férias, **sabi**? Dois **meis tô** de férias.

Entrevistadora 1 – O senhor sempre morou aqui?

Entrevistada 1 - É ele mora aqui.

Entrevistadora 2 - Nasceu aqui?

Entrevistado 2 - Nasci.

Entrevistada 1 - Nasceu e criou (risos)

Entrevistadora 1 - Como é que foi a convivência do senhor até agora?

Entrevistado 2 - Meu pai é **pretim...**

Entrevistadora 1 - Ele também nasceu aqui? Ele que foi uns dos primeiros moradores?

Entrevistado 2 - Meu pai tinha uma casa bem **pracula** assim oh, aí ele tinha uma **muler...**

Entrevistadora 1 - Vocês aqui sobrevivem de que? Trabalham fora?

Entrevistada 1 - É fora. Esse **anu nós plantô mais** Deus **num** deu, peleja **né** seja **u** que Deus **qué**. Agora os mais **vei num** sei não **puque num** morava aqui.

Entrevistado 2 - Ela morava no Prata.

Entrevistadora 1 - A senhora inicialmente morava no Prata?

Entrevistada 1 - É.

Entrevistadora 1 - Vocês se conhecem a vida toda?

Entrevistada 1 - Depois que eu casei, que **os minino tarra** grande que **vim pra cá**.

Entrevistado 2 - É **dito** como meu irmão, **moss**.

Entrevistadora 1 - Vocês são cunhados... E onde ele está trabalhando?

Entrevistada 1 - **Ta** não, ele **ta pro tabelião** saiu ai... O **sirviço** aqui **ta difici**

Entrevistadora 2 - Tem que trabalhar fora?

Entrevistada 1 - É, se **ranjá** sai, **né? Puque tá difici**, né? Nem aqui nem **in Possi**.

Entrevistadora 2 - E ele trabalha em que?

Entrevistada 1 - É quando Deus dá.

Entrevistadora 1 - E a questão da política, como é que está por aqui?

Entrevistada 1 - Moço, por enquanto **tá** parado, nunca vi... **ta quéto**.

Entrevistadora 2 - O prazo para eles esse ano foi bem curto, né?

Entrevistadora 1 – Nós moramos em Alvorada...

Entrevistada 1 – Ah, vocês **mora** em Alvorada?

Entrevistadora 1 – É, e estudamos em Posse. Nós estamos fazendo o trabalho de conclusão de curso e temos que escolher um tema, então nós escolhemos aqui.

3.2 – Análise da diversidade linguística dos moradores do povoado

Mediante as entrevistas feitas, foi possível identificar algumas variações linguísticas presentes na fala dos habitantes do Olho D'Água da Lapa, independente do sexo, gênero e idade dos entrevistados. Essas variações se deram de muitas formas e percebeu-se que por mais que portavam tais variedades, a compreensão estabelecida em um contexto comunicativo com essas pessoas não foi afetada. Desta forma, aqui se fará uma análise das variações.

Processo de monotongação

Monotongação é o nome do processo que se dá a dois sons que se tornam em um só:

Entrevista 1 – M.

- A **convivência** minha aqui foi boa, né? Que eu nasci e criei aqui...
- Não, das **primêras** pessoas que morou aqui... eu acho que já foi meu bisavô, meu avô, meu bisavô...
- É, tá mais fácil que de **primêro**, de **primêro** era a pé...

Entrevista 2 – O. e J.

- Tô** com cinquenta e três **anu**...
- Não, é verdade porque um cara aqui, **pegô** um direito de terra... do mermão e **comprô** e quiria **vendê** com nós tudo aqui dentro...
- E **falô** “não, aqui não. Nós tamo nesse... samo **herdêro**, uai...

- É... teim teim pasto, teim unzoito **alquêre** fromado de pasto...
- Os omi **rancô** ele naquela **quebradêra** ali ó...
- ara...As puliça da federal **roncô** ele daqui de dento. Até onti ele num **andô** mais dento dessa
- Aí nitremeteu um **pistolêro**, mracôgrosso pá mi matá...
- Com inspingarda **cartuchêra fulobé** pá mi matá...
- A puliça da federal vei e **tomô** tudo...
- Nós morava ali, **passêmo** do **mêi** pra cá de novo...
- O Votoriano ele **imbirrô** e **imbirrô**...
- É o **ôto**...
- Aí **pensô** que não, o Votoriano, **comprô** a terra dele...
- Eu **vô** vendê pro Grociu...
- Araujo **Ferrêra**...
- Casado, **soltêro** e qué robá **dinhêro**...
- O devôgado nosso é **mêi** simpi...
- Cás puliça federal **chamô** ele aí pelos documento, aí **cunvidô**...

Entrevista 3 – M. e F.

- Não, tem mais **ôtos** que foi **primêro**...
- E ele **contô**?...

- ☐ Quais **chorô** mais eu na istada...
- ☐ Aí nós dumia, no **ôtru** dia nós rapava a pé...
- ☐ Uns sessenta e **pôco anus**...
- ☐ Sempre brigava. Agora **parô**...

Entrevista 4 - I.

- ☐ Um bichu já tinha comido bizerro ou já tinha dado **bixera**...
- ☐ É aí **imbaxo, pra baxo** da entrada daqui...
- ☐ **Mudô** muita gente, muitos morreru...

Entrevista 5 - E.

- ☐ Chega **mêa** noite...

Entrevista 6 - L., I., C., O.

- ☐ Da **cachoera**...
- ☐ Esse **anu** nós **plantô** mais Deus num deu...

É possível notar que a monotongação ocorreu de formas diversas: na conjugação da 3ª pessoa do pretérito do indicativo, como por exemplo nas palavras *pegô, comprô, falô, rancô/roncô, andô, tomô, imbirrô, pensô, comprô, chamô, cunvidô, contô, chorô, parô, mudô, plantô*... que deveriam ser pronunciadas da seguinte maneira: pegou, comprou, falou,

rancou, andou, tomou, embirrou, pensou, comprou, chamou, convidou, contou, chorou, parou, mudou e plantou.

Nota-se também a ocorrência nas palavras que estão na 1ª pessoa do presente do indicativo, tais foram: *Tô* e *vô* (estou/vou). Neste processo, suprimiu-se o es do início do verbo, permanecendo apenas o *tô*, e da mesma forma aconteceu no verbo *vou* em que o u fora eliminado.

Ainda como processo da monotongação, as palavras *ôto/ôtos/ôtru* e *pôco* possuem características específicas da assimilação de sons que ocorrem nos ditongos /ou/. Desta forma, as palavras *outro* e *pouco* sofreram esta transformação, sendo pronunciada pelos falantes de um jeito diferenciado, em que o o que se escreve ou é pronunciado o.

Já nas palavras *imbaxo* (embaixo) e *baxo* (baixo), ocorreu o encontro vocálico em que são constituídos por *a+i*. Neste, elimina-se a vogal /i/ permanecendo apenas o /a/. Nesta mesma linha, portanto, com os ditongos ei de palavras paroxítonas, acontece do seguinte modo: suprime-se o fonema /i/, como em *primêras* (primeiras), *primêro* (primeiro), *herdêro* (herdeiro), *alquêre* (alqueiro), *quebradêra* (quebradeira), *pistolêro* (pistoleiro), *cartuchêra* (cartucheira), *Ferrêra* (ferreira), *soltêro* (solteiro), *dinhêro* (dinheiro), *primêro* (primeiro), *bixêra* (bicheira), *cachoêra* (cachoeira) na fala dos moradores entrevistados.

Transformação de lh em i

Esse fenômeno, também conhecido por Iotização, se dá normalmente através da substituição do *lh* pelo *i*, ou pela transformação do *lho* em *io*:

Entrevista 2 – O. e J.

- Eu saí assim pá **trabaiá**...

Entrevista 3 – M. e F.

- Dos tempu que é isso, né **vêio**?...

Segundo Marcos Bagno em *Língua de Eulália*, esta variação ocorre porque “na variedade de português que eles falam não existe sons consonantal”. (2012, p. 56). Isso gera uma certa comodidade devido à dificuldade que algumas pessoas possuem ao pronunciar o *lh*.

Alçamento da pretônica e postônica

Pretônicas - onde se pronunciaria /e/, pronunciou-se /i/ e onde se pronunciaria /o/ pronunciou-se /u/:

Entrevista 1 – M.

- Era mato, **minina**...

Entrevista 5 - E.

- Sim, eu istudo lá in Possi, tô no **sigunto** anus...

Entrevista 2 – O. e J.

- Aí pegô e **quiria** comprá tudo...
- Fazê **binificio** dentu da ara...
- A **puliça** federal roncô...
- Agora tá parado puquê nós **midimo**...
- Aí **cunvidô** êli...
- Aí eu teim a **iscritura** de Posse...
- Com **inspingarda** cartuchêra fulobé pá mi mata...
- Vimo **praculá**...
- Votoriano **imbirrô i imbirrô** pá vendê a terra...

Entrevista 3 - M. e F.

- Nós **durmia** no mei da istada...

Entrevista 4 - I.

- O gado já tinha **aducido**...
- Antes morava **in** São **Jusé**...
- Entrevista 6 - L., I., C., O.
- O **sirviço** aqui tá difícil...

Segundo Marcos Bagno em *Língua de Eulália*, nas palavras *minina/menina*, *iscritura/escritura*, *inspingarda/espingarda*, *imbirrô/embirrou*, *i/e*, *in/em*, *quiria/queria*, *binifício/benefício*, *midimo/medimos*, *sirviço/serviço*, *puliça/polícia*, *cunvidô/convidou*, *durmia/dormia*, *aducido/adoecido*, “as vogais átonas pretônicas E e O são seguidas por uma sílaba em que a vogal tônica é I. (...) Todas as palavras têm um I na sílaba tônica!” (2006, p. 114), isto significa que houve uma alteração na pronúncia: onde se pronunciaria /e/, pronunciou-se /i/ e onde se pronunciaria /o/ pronunciou-se /u/. Diferente da palavra *sigunto/segundo* em que a tônica é o fonema /u/, isto se dá para que um som único seja criado em função da harmonização vocálica, uma vez que a vogal /u/ é uma das mais altas e fechadas da nossa língua.

Postônicas - as palavras que têm as vogais /e/ e /o/ serão pronunciadas /i/ e /u/

Entrevista 2 – O. e J.

- Eu num sei a litura mais eu escutei **êli** leno...
- Pá **ondi** nós vai?...
- Até **onti** ele num andô mais dento dessa ara...
- Os irimão **vendi** e nós não teim direitchu?...

Entrevista 3 – M. e F.

- Faiz **tempu** que eu moro aqui...

- ☐ **Conheçu** não...
- ☐ Até que **sabi...** mas... num prendeu nada não...
- ☐ **Antigamenti** aqueles mais véi...

Entrevista 4 – I.

- ☐ A gente morava **longi...**
- ☐ Uma vaca já tinha **paridu...**
- ☐ Um **bichu** já tinha **comidu** bizerro...
- ☐ Pra tá criando as coisa de **pertu...**
- ☐ Esse **pessual** daqui eu cunheço...

Entrevista 5 – E.

- ☐ E chega mea **noiti...**

Entrevista 6 - L., I., C., O.

- ☐ É que tem um **monti** de água assim aí pode virá...

As postônicas dão-se através de uma redução, isto é, quando é falada de maneira mais fraca. Sendo assim, quando as palavras têm as vogais /e/ e /o/, estas serão pronunciadas /i/ e /u/, como pode perceber nos vocábulos *êli/ele, ondi/onde, onti/ontem, vendi/vende, tempu/tempo, conheçu/conheço, sabi/sabe, antigamenti/antigamente, longi/longe, paridu/partido, comidu/comido, pertu/perto, pessual/pessoal, noiti/noite, monti/monte.*

Eliminação das marcas de plural redundantes

Neste, com a intenção de mostrar que a sentença está pluralizada, o falante faz uso de apenas uma palavra que indica o plural:

Entrevista 1 – M.

- Agora **os** pais da gente morava aqui...
- As** pessoa aqui é poca...
- Tem **uns** que vai a cavalo...
- Otos** vai de moto...
- Os** irmão vende...
- Nóis** não teim dereito...
- Teim **uns** oito alquêre fromado de pasto...
- Os** omi rancô ele...
- De **uns** dez **anu** pá cá fui mandado...
- Ceis** tá brigano pela ara toda...

Nota-se que neste caso, para o falante mostrar que a sentença está pluralizada, ele fez uso de apenas uma palavra que indica mais de uma coisa. Essa palavra pode ser um artigo, substantivo, adjetivo, verbo... de modo a demonstrar a marca de plural na oração. Na fala “*As pessoa aqui é poca...*” o falante indicou o plural apenas no artigo *a*, no começo da frase, em que por meio deste entende-se que é mais de uma pessoa. O que também pode ser percebido nos demais vocábulos destacados.

Simplificação das conjugações verbais

Trata-se de uma redução ao conjugar o verbo, uma vez que o pronome-sujeito já está indicando a pessoa verbal:

Entrevista 1 – M.

- Eles vei** da Bahia...

Entrevista 2 – O. e J.

- Tá com quinzi anu que **nóis mora** aqui dento...
- Nóis morava** ali...
- Nóis teim** terra pá **nóis trabaiaá**, pra **nóis comê** o pão de cada dia...
- Nóis ficô** inpatado com êli aí...
- Num tem como prondi **nóis vai**...

Entrevista 3 – M. e F.

- Nóis ia** até pra Simolândia de apé...
- Aí **nóis dumia**...
- Nóis falava** “conta historas pa gente”...

Entrevista 5 - E.

- Nóis sai** daqui treis hora...
- Nóis pega** dois oimbi pra chegá lá...

Entrevista 6 - L., I., C., O.

- É, **nóis mora** aqui...
- Assim que **nos casô**...
- **Os minino tarra** grande que vim pra cá...
- Ah, **vocês mora** em Alvorada?...

A simplificação das conjugações verbais é frequente no português não padrão brasileiro e trata-se de uma redução ao conjugar o verbo, isto é, onde se falou *Eles vei* falaria *Eles vieram*. Este é um exemplo em que não foi necessário fazer conjugação do verbo, uma vez que o pronome-sujeito já está indicando a pessoa verbal. É possível perceber esta mesma ocorrência nos demais verbos destacados acima.

Assimilação

Neste processo, houve uma alteração nas palavras em gerúndio (*-ndo*) para a terminação *-no* e *-mb* em *-m* se tornem semelhantes:

Entrevista 1 – M.

- Mais fácil, bem mais fácil e a istrada tá **passano** já...

Entrevista 2 – O. e J.

- É, moço...
- É isto aí que elas tão **falano**...
- E ele **quereno** grilá nossa terra tudo...
- Aí eu tô **trabaiano** pelo mandado de lá...
- Ceis tá **brigano** pela ara toda...

- É... eles **quereno** passar a perna pra cumê tudo...
- Aí ele ficô **futucano**, i **futucano**...
- Eu num sei a litura mais eu escutei êli **leno**...

Entrevista 4 - I.

- **Terminano** a laderona...

Entrevista 6 - L., I., C., O.

- Eu to **morano** numa casa acula sabi?...

Entrevista 1 – M.

- Brigada ocê **tamém**...

Neste processo houve uma alteração nas palavras em gerúndio (*-ndo*) para a terminação *-no* e na palavra *também/tamém*. Estas ocorrências justificam-se na velocidade com que são pronunciadas, isto é, dependendo deste fator, o falante pronunciará os vocábulos com a intenção de fazer com que os dois sons diferentes (*-ndo/-no* e *-mb* em *-m*) se tornem-se semelhantes. Esta assimilação é muito comum e presente nas falas dos usuários do português padrão e na fala dos usuários do português não-padrão desde a formação da língua portuguesa.

Arcaísmo

Nesta entrevista pôde-se perceber a inclusão do fonema *-a* na palavra “lembrar”. Trata-se de um fenômeno em que se acrescenta esta vogal no início do vocábulo, o qual perpetua como uma velha herança devido à influência de outras línguas e sua utilização na

literatura clássica. Contudo, com o passar do tempo e evolução da língua, nota-se que esta herança está sendo abandonada, permanecendo apenas em alguns usuários do português não padrão.

Entrevista 3 – M. e F.

- ☐ Eu num **alembro** mar não...

Aférese, síncope, apócope

Aférese é o nome do ato de supressão de um ou mais fonemas no início da palavra, ao ser pronunciada pelo falante:

Entrevista 1 – M.

- ☐ **Ceis** toparam com ela no colégio...
- ☐ **Brigada ocê** tamém...

Entrevista 2 – O. e J.

- ☐ **Tô** com cinquenta e três anu...
- ☐ Nós **tamo** ness...
- ☐ Aí eu **tendi** muitassunto...
- ☐ Êli **tá** com os documento de Suçarana...
- ☐ Aí **tarra sozin** na...
- ☐ Liguei pros omi, uz omi **rancô** ele...

Entrevista 3 – M. e F.

- ☐ Mas... **num prendeu** nada não...

Entrevista 6 - L., I., C., O.

- ☐ É, se **ranjá** sai, né?...

Na síncope esta supressão se dá no meio do vocábulo, quando pronunciado:

Entrevista 1 – M.

- ☐ Eu num sei de **históra** não...
- ☐ A **convivência** minha aqui foi boa, né?...
- ☐ Das **primêras** pessoas?...
- ☐ As pessoa aqui é **poca**, né muito não...
- ☐ Aí **tarra** sozin na...
- ☐ Brigada ocê **tamém**...

Entrevista 2 – O. e J.

- ☐ É a merma **históra** do meu irmão aí...
- ☐ Samo **herdêro**, uai...
- ☐ Casado, **soltêro** e qué robá **dinhêro**...
- ☐ Raul **Ferrêra** de **Môra**...
- ☐ Pá João Batista casado **soltêro**, devôgado...
- ☐ Cás **puliça** federal chamô êli aí pelos documento...

- ☐ Nóis foi... se **fendeu** i falô...
- ☐ Fazê binifício dentu da **ara**...
- ☐ Teim tudo lá **dentu**...
- ☐ Aí eu **rumí** tudin, **rumí** os binifícios...
- ☐ Aí **nitremeteu** um pistolêro...
- ☐ Pegô meu irmão i levô lá no cartóro in **Aciara**...
- ☐ **Vimo** pracula...
- ☐ Doutô, **sea** sinhô já comprô mermu?...
- ☐ Vô falá só **sôbe** a aria...
- ☐ Êli num podi nem **kiá** um animal...

Entrevista 3 – M. e F.

- ☐ Não, tem mais **otos** que foi **primêro**...
- ☐ A muié minha já foi, **té** pertu do ri...
- ☐ Quais chorô mais eu na **istada**...
- ☐ Aí nóis dumia, no **otru** dia nóis rapava a pé...
- ☐ **Quizi**...

Entrevista 4 - I.

- Pra **baxo** da entrada daqui...
- Não, eu votei pra cá de **vota** in dos mil e sete...
- Puque** a gente morava longi e quando vinha, sabe?...
- Ou já tinha dado **bixera**...

Entrevista 5 - E.

- Ela trabaia la de **merendera**...
- É **contato**...
- E chega **mea** noiti...

Entrevista 6 - L., I., C., O.

- Da **cachoera**...
- Moço, por enquanto tá parado, nunca vi... ta **quéto**...

Apócope é o fenômeno que ocorre no final da palavra. Esta ocorrência pode ser a supressão do /t/ pós-vocálico ou a eliminação da parte final do vocábulo:

Entrevista 1 – M.

- Se eu sei **contá**?...
- É por isso mermo que eu nem **assiná** meu nome eu sei...

- Ela já tem **quais** uns trinta **ano**...
- Ceis toparam com ela no **coléjo**, não foi?...

Entrevista 2 – O. e J.

- **Pegô** um direito de terra... do mermão e **comprô**...
- E quiria **vendê** com nós tudo aqui **dento**...
- Deixa, deixa eu **moss**, eu sei...
- É isso mesmu que elas **qué**...
- Quiria **pegá** nossa terra **tudin**...
- I **falô** “não, aqui não...
- **Qué vê**...
- Teim roça lá, **mi** sêim **quebra**...
- A **puliça** federal **rancô** ele daqui...
- Liguei pros **omi**, uz omi **rancô** ele...
- Votoriano **imbirrô** imbirrô pá **vendê** a terra logo...
- Aí **pensô** que não...
- O Vitorianu, **comprô** a terra dele...
- **Doutô**, sea **sinhô** já **comprô** mermu?...
- Falei “ué, mais u **sinhô comprô** du oto”...

- ☐ Aí tarra **sozin** na...
- ☐ Até **onti** ele num **andô** mair dento dessa ara...
- ☐ **mandaru** lá plá cá puquê a terra é nossa...
- ☐ E ele foi e **levantô** na hora...
- ☐ É... eles **quereno** passar a perna pra **cumê** tudo...
- ☐ Com inspingarda cartuchêra **fulobé** pá **mi matá**...
- ☐ A **puliça** da federal **vei** e **tomô** tudo...
- ☐ **Moss**, eu num sei... eu teim a identidade **véa**, antiga dele...
- ☐ Você num sabe **dizê** sua era não?...
- ☐ Eu **sô** de sessenta e...
- ☐ **Somu** irmão...
- ☐ **Vô falá** só sôbe a aria...
- ☐ Êli num podi nem **kiá** um animal...
- ☐ É desse tipo o trem **tudin**...

Entrevista 3 – M. e F.

- ☐ Num teim ondi **plantá** mais...
- ☐ Derre **tê** mais, dos tempu que é **iss**, né **véio**?...

Entrevista 4 - I.

- ☐ Eu quis vim praqui pra **ficá** perto dos gado...
- ☐ **Mudô** muita gente, muitos **morreru**...

Entrevista 5 – E.

- As **veis** é bom, as **veis** ruim...
- Aqui é **difici** pa **istuda**,

Entrevista 6 - L., I., C., O.

- Não, esse daqui é meu **fi** ó...
- Dois **meis** tô de férias...
- Meu pai é **pretim**...

Processo de ditongação

Este processo ocorre por meio do acréscimo da vogal /i/ em contato sibilante com as consoantes s e z:

Entrevista 2 – O. e J.

- Tô com cinquenta e **trêis anu**...
- Êli pegô e quiria vendê com **nóis** tudo aqui dento...
- Tá com **deis anu**...
- Aí eu o quê que ele **feiz**...
- Mais** eu moro aqui...

Entrevista 3 – M. e F.

- Fais** tempo que eu moro aqui...

Entrevista 5 - E.

- As **veiz** é bom, as **veiz** ruim...
- Nóis** pega dois oimbi...

Entrevista 6 - L., I., C., O.

- Dois **meis** tô de férias...

O mesmo notou-se nas seguintes palavras ditas pelos falantes: as quais: *trêis/três*,

nóis/nós, deis/dez, feiz/fez, mais/mas, fais/faz, veiz/vez, meis/mês, nas quais houve acréscimo da vogal /i/ e junção dos sons.

Conclusão

Através desta pesquisa, foi possível confirmar a existência de diversas variedades linguísticas presentes na fala dos moradores do povoado Olho D'Água da Lapa e compreender que estas diversidades da nossa língua se dão de muitas formas, estando sujeitas a qualquer pessoa e não somente aos menos favorecidos financeiramente ou moradores da zona rural. Além disso, é preciso entender que variações são ocorrências natas da língua e é importante lutar para acabar com os preconceitos em relação à variação linguística e seus usuários, pois não existe uma fala totalmente correta ou um falar mais bonito e elegante que o outro.

Mediante às informações coletadas por meio das entrevistas orais, ficou claro que a maior justificativa que se pode dar em ocorrência dos fenômenos presentes na fala dos moradores do povoado, é que a maioria deles não foi alfabetizado. Muitos deles nem chegaram a ir à escola, ou foram e não aprenderam a escrever ou ler e outros nem chegaram a ter essa oportunidade.

Devido à este fator, os filhos destas famílias também são influenciados e acabam portando as mesmas variações. Por se tratar de um povoado distante da cidade mais próxima, a relação que se pode ter com falantes de outros lugares é pouca. Como se afirmou nos capítulos anteriores, urbano e rural é influenciado um pelo outro. No entanto, no povoado Olho D'Água da Lapa, este é um processo muito lento devido ao pouco contato com os falantes do português padrão que moram nas cidades vizinhas.

Outra questão que também merece atenção, é o fato de que alguns dos moradores entrevistados não moravam ali desde que nasceram, mas mudaram para lá. Isto indica que foram influenciados pelo “falar ambiente” e conseqüentemente possuem variações linguísticas. Todas as pessoas que foram entrevistadas moram perto um do outro ou moram em conjunto, isto é, há mais de um habitante nas casas. Este também pode ser considerado um motivo pelo qual essas variações linguísticas prevalecem, pois, o maior contanto linguístico destas pessoas se dão entre eles mesmos.

Ao final deste trabalho foi possível perceber que os fenômenos mais frequentes nas falas dos moradores entrevistados foram o processo de monotongação, em que há transformação do ditongo /ou/ em /o/ e do ditongo /ei/ em /e/ quando precedente das

consoantes J, X e R. O processo de alçamento da pretônica e postônica em que onde se pronunciaria /e/ pronunciou-se /i/ e onde se pronunciaria /o/ pronunciou-se /u/, e em palavras em que pronunciaria as vogais /e/ e /o/ pronunciaram /i/ e /u/. Notou-se também a simplificação das conjugações verbais, em que se trata de uma redução ao conjugar o verbo. A assimilação, em que houve alteração nas palavras em gerúndio (*-ndo*) para a terminação *-no* e *-mb* em *-m*. E por fim, os processos aférese, em que houve supressão de um ou mais fonemas no início da palavra; síncope, em que houve supressão que se dá no meio do vocábulo; e apócope, que foi a supressão no final da palavra.

Essas variações linguísticas não são intencionais, elas acontecem de forma espontânea e inconsciente enquanto o falante se interage verbalmente e se relaciona com outras pessoas. Marcos Bagno em *Preconceito Linguístico* (2007, p. 51) enfatiza que: “é na língua falada que ocorrem as mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua”. Trata-se de ocorrências que não vão simplesmente acabar por aí, uma vez que a língua está em constante transformação. É por isso que é preciso repensar sobre o preconceito linguístico e aceitar que todas as línguas variam.

Referências

- ALKMIM, T. M. **Sociolinguística (parte I)**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, Anna C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1920.
- _____. **Sociolinguística. Parte I**. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, M. Cassandra, Fênix e outros mitos. In: FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos: Guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.
- _____. **Preconceito Linguístico: o que é como se faz – 49ª ed.** São Paulo: Loyola. 2007.
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. **A língua de Eulália: novela sociolinguística / Marcos Bagno**, 15. ed. — São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Língua, história e sociedade: breve retrospecto da norma-padrão brasileira**. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- BENVENISTE, E. 1902-1976. **Problemas de Linguística Geral I**. 5ª edição, SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BIGONJAL, S.L & BRAGGIO. **Contribuições da Linguística para O Ensino de Línguas**.

Goiânia: ed. UFG, 1999.

BOLÉO, Manuel de Paiva. **Brasileirismos: problemas de método**. Coimbra: Coimbra, 1943.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione. 1996.

_____. **Alfabetização e Linguística**, Ed. Scipione. 1999.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2002.

CAMACHO, R. G. **A variação linguística**. In: SÃO PAULO (Estado). **Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º graus**. São Paulo: SE-CENP, . v. 3. 1988.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. de. Transculturalidade e Transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs.).

Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CRYSTAL, D. **A Revolução da Linguagem**. Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística I objetos teóricos**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação**. 2ª edição, 2009. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

HORA, D. (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: UFPB, 2004.

ILARI, R. e BASSO R. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo SP: Ed. Contexto, 2006.

LABOV, William. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. 2007.

Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf. Acesso em: 20 de Outubro de 2015.

LUCCHESI, Dante. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.).

Lingüística da norma. São Paulo: Loyola, 2002.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. **A Origem da Linguagem**. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iii%20cnlf%2050.html>. Acesso em: 15 de Ago 2015.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MELLO, Heliana Ribeiro. Português padrão, português não padrão e a hipótese do contato lingüístico. In: ALKMIN, Tânia Maria (Org.). **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

MENDONÇA, Renato. **A origem africana no português do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1935.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – 5ª a 8ª séries**. Brasília: 1997.

MOLLICA, M.C & BRAGA, M.L. 2008. **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação**. 3ªed. 1ª reimpressão – São Paulo, contexto 2008.

MUSSALIN, Fernanda & Bentes, Anna Cristina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Contexto. 2006.

NARO, Anthony Julius. **Garimpo das origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. Delta, v. 9. (Número Especial). 1993.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

POSSENTI, S. **A cor da língua e outras crônicas de linguista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os Níveis da Fala**. São Paulo. Cia Editora Nacional. 1987.

_____. **Sociolinguística: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo literário**. São Paulo: Nacional, 1977.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil**. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

SÁ, Edmilson José de. **Estudos da variação Linguística: o que é preciso saber e por onde começar.** São Paulo: textonovo. 2007.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral.** 27ªed. São Paulo: Cultrix. 1996.

_____. **Curso de linguística geral.** Trad.: A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação do Brasil. (1997).

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ensino de primeira à quarta série. I. título). Brasília: MEC/SEF. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala.** São Paulo: Scipione. 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WEEDWOOD, Barbara. **História Concisa da Linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ANEXOS

Das perguntas elaboradas para os falantes:

- 1 Bom dia, tudo bem?
 - 2 Gostaria de conversar um pouco conosco?
 - 3 O que você sabe sobre o povoado?
 - 4 Você nasceu e foi criado aqui?
 - 5 Como foi a sua convivência aqui no povoado?
 - 6 Os seus pais sempre moraram aqui no povoado ou vieram de outro lugar?
 - 7 Os seus pais foram umas das primeiras pessoas a morar aqui no povoado?
 - 8 Você sabe quantos anos o povoado tem?
 - 9 Como era o aqui, no início da formação?
 - 10 Você sabe dizer se naquela época tinha escola aqui? Se não, você sabe quanto tempo tem que a escola foi inaugurada no povoado?
 - 11 Você sabe dizer quantas pessoas moram neste povoado?
 - 12 Com que frequência vocês vão à cidade?
 - 13 Em vista de antes, você acha que hoje em dia as coisas estão mais fáceis?
 - 14 Você pode nos indicar alguém, que possa nos fornecer mais informações?
-
- 1 Bom dia! Tudo bem?
 - 2 Você nasceu aqui? O senhor sabe nos contar alguma coisa daqui?
 - 3 O que o vocês sabem, sobre o tempo passado? Vocês podem nos contar alguma coisa?
 - 4 Nós viemos aqui porque soubemos que aqui foi formado por quilombos. Os quilombos vieram para cá primeiro e depois surgiu o povoado... você pode nos dizer se isso é verdade?
 - 5 Você pode contar-nos sobre as dificuldades que você enfrentou aqui?
 - 6 Você pode dizer-nos sobre a sua família?
 - 7 Quando vocês vieram para cá?
 - 8 Como foram os primeiros dias na história do povoado?
 - 9 Quando chegou aqui? De onde veio?
 - 10 Porque saiu do lugar onde morava? E por que motivo escolheu morar aqui?
 - 11 Já havia moradores na localidade onde é hoje Povoado Olho D'Água da Lapa?
 - 12 Nos fale alguma coisa sobre a vegetação e o solo da região.
 - 13 Na época que chegou havia demarcações de terras?
 - 14 Você sabe se houve conflitos pelas terras na área?

- 15 Fale alguma coisa de como viviam, as dificuldades, como eram enfrentadas?
- 16 Em que trabalhava?
- 17 O que era cultivado e como eram comercializados esses produtos?
- 18 Essa produção cobria as necessidades da família?
- 19 Além da agricultura havia outras atividades econômicas desenvolvidas na comunidade?
- 20 Havia alguma igreja? Qual?
- 21 Havia escola? Onde funcionava?



Das visitas feitas:



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS POSSE
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS**

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

Projeto de Monografia

Monografia

Declaro que as alunas _____ realizaram, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada da Monografia, estando apto a depositá-la, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

- concluída e finalizada (redigida e digitada).
- em fase de conclusão (indicar o que está faltando).
- em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).
- realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.
- não realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.
- trouxe a Monografia finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

Posse (GO) _____ de _____ de 2016.

Orientadora

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE- GOIÁS
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, _____, professora de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa da Monografia do Curso de Letras Português/Inglês das acadêmicas _____, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), de de 2016.

Professora

Professora: _____

Endereço: _____

Telefone fixo: _____ Cel.: _____

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS POSSE
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS**

DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que a minha Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês da Unidade Universitária de Posse (GO), - Universidade Estadual de GoiásUEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior.

Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Monografia.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), de de 2016.

Acadêmicas